

Dr. Serrano

ANNO II — Teresina, 30 de Novembro de 1913 — FASC. 4 E 5

Dr. Serrano
LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

BOLETA DE LINGUAGEM

RUA BARROSO, 14

TERESINA

SUMMARIO — *Uma viagem ao Piauí em 1839*, Alfredo de Carvalho; *Itala*, Tinsamirago Vas; *Folhas piauienses*, João Freitas; *In extremis*, Ceiso Picheiro; *Na Academia de Letras*, Felix P. ezeo; *O Saicida*, Ceiso Pinheiro; *Escreptos particulares*, V. Tite; *A Flauta Altiões*, Freitas; *Salmata e religião*, Hygria Cunha; *Números incommensuráveis*, José Anzavê; *O arabi*, De Costa e Silva; *O suffragio feminino*, Anymathês Tite; *A balsa De Costa e Silva*; *Fantasia*, Sebastião Paraná; *Epopéa do verde*, Abdias Neves; *Prefixos e suffixos de palavras portuguezas* Ulv-es-leves

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

Imprensa Officia!

PIAUI

1913.

raphi

NCTA:

Devido á grande affluencia de serviço na «Imprensa Official» não nos foi possível preparar o fascículo correspondente a outubro. Em compensação, augmentámos o numero de paginas deste e o mesmo tencionamos fazer no de dezembro. Daremos uma edição compensadora em o natal.

A RED.

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

1249

ASSIGNATURAS:

Um anno (para a capital) 10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro 12\$000
Numero avulso 1\$000

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA



B-A-2

Imprensa Official

PIAUI

1913.

7831

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

TERESINA

Uma viagem no Piauí em 1839 (*)

(PARA A LITERICULTURA)

(Conclusão)

V

Não foi sem grande difficuldade que Gardner conseguiu arranjar, em Paranaguá, uma pessoa para substituir o soldado que o acompanhava desde Oeiras; o acaso poz em seu caminho um mulato que, tendo vindo com uma boiada da provincia de Goyaz, conhecia bem as veredas da região pouco frequentada em que o naturalista se dispunha a penetrar.

Deixou elle Paranaguá a 29 de setembro de 1839 e, proseguindo na sua jornada em direcção ao Sul, chegou a uma pequena fazenda, chamada *Sacco do Tanque*, a 7 de outubro, sendo de vinte e seis leguas a distancia percorrida. Saíra de Paranaguá já tarde e, começando a escurecer quando attingiu a extremidade da lagôa, passou ali a noite debaixo dumas arvores. Pela madrugada acordou tão enregelado dentro da rêde, que foi com alegria aquecer-se junto a uma grande fogueira, alimentada a noite inteira pela sua gente. Ao prolongar a lagôa viu diversas capivaras e jacarés que, á sua aproximação, se refugiavam nagua.

Logo depois que deixara Oeiras começara a ser muito

(*) Veja *Litericultura* de 30 de setembro ultimo.

atormentado por carrapatos; estes insectos abundavam nos lugares seccos e cheios de arbustos, a cujos ramos mais delgados se prendem. A principio são muito pequenos—*carrapatos miudos*—e podem ser vistos em cachos compostos de muitos centos. Logo que qualquer animal passa por perto delles e os toca, instantaneamente adherem ao mesmo, mergulhando as suas proboscis tão profundamente na pelle, que só empregando grande esforço é possível arrancal-os. Si não são logo retirados, vão augmentando de volume até ficarem do tamanho duma fava e mesmo maiores. Desenvolvem-se, tambem, no capim e nos arbustos, mas têm, então, um aspecto magro e chato; a esta forma dão o nome de *carrapato grande*. Spix e Martius suppuzéram fôsser de especies distinctas; porém Gardner pensava não haver duvida quanto a serem o mesmo insecto em differentes idades, opinião da qual eram Saint-Hilaire e os proprios habitantes do país. É só no principio da estação secca que os carrapatos miudos são encontrados nos districtos que costumam infestar; mas, á proporção que a estação se adianta, desapparecem gradualmente para serem substituidos pelos grandes. Prendem-se, indistinctamente, a todos os quadrupedes; mas o boi e o cavallo são os que mais soffrem de seus ataques e, em toda a estação secca, surgem, em tal quantidade, que boiadas inteiras succumbem á exaustação que produzem. Si, entretanto, o animal sobre o qual vivem consegue resistir até á entrada das chuvas, em breve recupera o primitivo vigor, pois o carrapato não supporta a humidade. Gardner observou que alguns de seus cavallos, infestados por estes insectos, ficavam quasi que inteiramente livres delles cruzando a nado um rio largo. Notou tambem que certos cavallos eram atacados de preferéncia a outros. Na região secca e cheia de mato, acima de Paranaguá, enxameavam os carrapatos e, todas as noites, o viajante tinha de retirar do corpo centenas delles antes de se recolher á rêde; os arrieiros, porém, que andavam descalços e com as pernas nûas dos joelhos para baixo, soffriam ainda mais.

«Quando eu saía a botanizar nas vizinhanças dos lugares onde acampavamos, escreveu o naturalista, ficava, em geral, completamente coberto delles e tinha de mudar de roupa; mas, expondo as peças infestadas aos ardentes raios do sol, durante um quarto d' hora, ficavam livres delles. Um pequeno macaco de cauda amarellada, que obtive dum indio velho poucos dias depois de deixar Oeiras, tambem soffria muito destes insectos. Em pleno desenvolvimento, um carrapato grande se parece muito com a semente madura da carrapateira. Ao extrahir alguns dos maiores, não é raro que a ferida se transforme em ulcera maligna. O carrapato pertence ao genero *Ixodes*, de Latreille.»

Comquanto o terreno, entre Paranaguá e Sacco do Tanque fôsse, comparativamente, plano, era muito perceptível que se elevava, e, apesar da vegetação em geral ter quasi o mesmo caracter da dos outros districtos da Catinga, muitas das suas arvores e arbustos eram novos para o naturalista. Naquelle estação, muito poucos floresciaam, sendo a mais notavel uma grande arvore á qual os habitantes dão o nome de Sicupira e que Gardner devia encontrar, d'ali por diante, até ao interior de Goyaz; pertencia á ordem natural das *Leguminosas*, e fôra então muito recentemente descripta por Benham sob o nome de *Comilobion polygalaeflorum*. É facilmente reconhecivel á grande distancia pelas suas paniculas de flores cõr de lyrio. Uma essencia oleosa, extrahida de seu fruto, era muito usada pelos habitantes para alliviar as dores de dentes. Tambem era commum uma grande *Bombax*, inteiramente despida de folhas, e em uma das quaes o naturalista encontrou algumas folhas de enorme tamanho, medindo, quando de todo abertas, um pé e meio de diametro; as petalas eram exteriormente de cõr bruno escura e branca por dentro. Perto duma fazenda, de nome *Riacho d'Arcia*, onde descansou um dia, creciam varias grandes palmeiras, nos troncos das quaes Gardner encontrou uma grande planta orchidacea, de haste carnosa e uma especie de *Cyrtopodium*, que produzia pedunculos floraes de quatro pés de altura, terminando por grandes paniculas de flores, com manchas brunas sobre o fundo alaranjado e cheirando suavemente como a violeta amarella,

Nos trechos pantanosos daquelle caminho, o naturalista viu muitos exemplares da *Vanilla planifolia*, raramente floridos e ainda menos vezes frutificando. Ainda não fôra satisfatoriamente determinado si era aquella a especie da qual se extraia a verdadeira baunilha do commercio. No Mexico era extensamente cultivada por causa de seu fruto, que produz em abundancia; ao passo que as plantas introduzidas na India Oriental e nas estufas da Europa, si bem que frequentemente produzam flores, muito raramente chegam a frutificar. O Dr. Morren, de Liège, foi o primeiro a estudar a historia natural desta planta e a provar, experimentalmente, que o fruto da baunilha pode ser produzido em estufas; descobriu elle que, devido a certa peculiaridade dos orgãos reproductivos da planta, era necessario fecundal-a artificialmente. Em 1836 uma planta, numa das estufas do jardim botanico de Liège, produziu cincoenta e quatro flores que, artificialmente fecundadas, frutificaram em outras tantas capsulas, perfeitamente iguaes ás trazidas do Mexico, e, em 1837, foi obtida nova colheita de cerca de cem vagens, duma outra planta, pelo mesmo methodo. Attribuia elle a fecundação das plantas no Mexico á acção

de algum insecto que frequentasse a flôr, o que explicava a não reproducção das plantas transportadas para outros países. Pensava Gardner não haver duvida em que esta planta fôsse indigena, tanto no Brasil como no Mexico; mas que não era menos certo que aqui o seu fruto raramente amadurecia. Seria isto attribuível á ausencia dos meios pelos quaes a natureza opêra a fecundação no Mexico? Este assumpto, conforme observou judiciosamente o Dr. Morren, bem merece attenção do ponto de vista commercial, desde que a experiencia já demonstrou que a baunilha pode ser cultivada em todos os países intertropicaes, obtendo-se grande abundancia de frutos.

A região que o naturalista então atravessava, era muito infestada por onças. Nos seus acampamentos, ouviam-nas bramar perto, noite após noite, mas, nunca chegaram a ver uma só. Na noite que passaram no Riacho da Areia, foram, por muitas horas, impedidos de dormir pelos fortes rugidos de uma destas feras, rugidos tão distinctos e audiveis que pareciam vir de muito proximo. Mas, o fazendeiro, habituado áquelle rumor, garantiu que o animal estava distante pelo menos meia legua e que, pela voz, devia ser um macho muito grande. O seu rugido era muito semelhante ao rosnado dum cão enfurecido. Continuava geralmente por espaço dum quarto de hora e terminava com um som, duas ou tres vezes repetido, pouco diverso do ladrido abafado de um grande mastim.

Os cães pertencentes á fazenda estavam todos alerta e ladravam; mas, nenhum se atrevia a sair de casa. Os cavallos, que pastavam á pequena distancia, approximaram-se dos viajantes quando ouviram os sons quasi sobrenaturaes produzidos pelo feroz habitante das florestas. Mesmo os animaes que Gardner trouxera da costa e que, certamente, nunca tinham estado expostos aos ataques daquellas feras, seguiram o exemplo dos outros.

A fazenda do Sacco do Tanque estava situada proximo da linha divisoria entre a provincia do Piauí e a parte Sudoeste da de Pernambuco, conhecida pela designação de districto do Rio Preto. Pouco depois de entrar neste districto, o viajante chegou a um elevado planalto, chamado Serra da Batalha, que urgia atravessar. A sua altura era quasi a mesma da Serra do Araripe, no Ceará e, como esta, estava coberta de vegetação sempre verde. A subida era penosa, por sobre grandes blocos dum grosseiro granito branco, do qual a serra parecia composta. No pé da serra e durante a subida, fez Gardner a mais bella collecção de plantas desde que saíra de Oeiras. Nos trechos arenosos e humidos ao sopé, cresciam algumas das formosas *Melastomeceas*, de grandes flôres e folhas miúdas, tão abundantes nos districtos

Na Academia de Letras ^(*)

DISCURSO DE FELIX PACHECO

(Conclusão)

Ahi tendes, no pitoresco de uma carta intima, a feição aparentemente irrelevante, mas, no fundo, substancial desse grande espirito solidamente preparado e incorrigivelmente divagador.

Essa febre de espraiamento tinha, porém, a vantagem de reconduzill-o, outra vez, aos reconceitos quentes, humidos e deliciosos, da vida. O homem reaparecia nelle com uma sinceridade pantheista ás vezes chocante.

Muitos escriptores realistas, relendo-lhe trechos esparsos, alguns pedaços, por exemplo, do *Cajueiro do Fagundes* ou da *Mis Katz*, onde o psychasthenico Aggripino Simões sonha sonhos eroticos cheios de morbidez, talvez se sentissem pasmados das predileções ardorosas do romancista e do critico pelos themas quentes e desabridos. Mas esses themas constituem, no fim de contas, o verdadeiro poema da vida forte, bruta, fecunda, sensual, que se multiplica e se perpetua graças ao instincto rudimentar e maravilhoso, que reaparece, sempre, porque é o gerador de tudo e o pai da belleza eterna e prolifica, expressão da força, da vontade e da gloria, na revivescencia continuada do paganismo, de que todos nós, peccadores e gosadores disfarçados, affirmamos fugir, mas no qual vivemos presentemente mergulhados...

(*) V. *Littericultura* de 30 de setembro ultimo.

Ou não tivesse elle sido socio daquelle famoso Club de Rabelais, cuja historia daria panno para as mangas e apresentaria, sob aspectos bohemios curiosissimos, não só o proprio Araripe, como os seus caros amigos e fulgurantes companheiros de troca literaria, Valentim, Arthur, Pompeia, Lucio, Said Ali, Rodrigo Octavio, Xavier da Silveira, Max Fleinss, Urbano Duarte, João Ribeiro e tantos outros sisudos cavalheiros, alguns dos quaes já começaram a reviver e outrosahi estão brilhando nas letras, na administração, no magisterio e na imprensa...

Essas cousas deram no anno da revolta, pelas alturas de 93, o que quer dizer ha dous decennios passados. O clarão da tragedia, para fallar a linguagem do scudoso amigo, pareceu normalizar na sociedade daquelle tempo a função do terror. Elle via o drama e, para o sentir de perto, alistou-se num batalhão patriotico e montou guarda ao Flamengo. Passado o temporal, voltou ao Club e achou-o mudado. A politica separara os convivas, a politica ou o sentimento da tragedia com o terror correspondente... Mas ainda houve uma refeição e Araripe continuou esticando o *Retro-specto Literario*...

Foi elle proprio quem um dia contou, na *Revista* desta casa, certa pilheria com que pretendeu desconcertal-o, interpocula, num daquelles eloquentes tremebundos do pessoal d' *A Semana*, o espirito travesso de Urbano Duarte, a quem conheci no Collegio Militar, fardado de major, dando lições sérias aos meninos do curso primario e collaborando com os rapazolas mais velhos n' *A Aspiração*,—minha saudade perpetua e meu primeiro ninho de plumitivo, que, aliás, ainda não deixei de ser.

A historia tem graça e vale a pena repetil-a, ao menos como lembrança da gastronomia descompassada e demasiado picante daquellas estrelladas intelligencias, que, já nesso época, podiam pagar-se o luxo de banquetes licenciosos a 10\$ por cabeça na Maison Desirée ou na Ville Moreau e pouco mais tarde se recompunha na moralidade, aggremiados aos do Centro Artistico, com exposição notavel e espectaculos nacionaes representados por amadores e amadoras similares no palco historico do S. Pedro, ou reunidos nos agapes menos furiosos da *Pannellinha*, quando nós, os mais moços, mal começavamos a encher as esquinas e a empanturrar-nos com as feijoadas desconcertantes do *Globo*...

Fallava-se em cozinha.

«Urbano então lembrou-se de atacar o processo de critica literaria, a que elle dava o nome de «descascar cebolas»:

— Que tem isso com a critica? perguntei lhe.

— Tudo! respondeu o humorista.

— Explique, se me faz favor.

— Descascar cebolas fazem todos aquelles criticos que, sobre tres ou quatro conceitos literarios, resumíveis em meia duzia de paginas, escrevem livros. No centro do fruto, cebo-

la ou qualquer outro, pôde existir uma amendoa de valor; mas para que o leitor atinja esse objecto, tem de percorrer capitulos extensissimos, nos quaes o escriptor se alarga á vontade, dando-se ao prazer pouco lisonjeiro de flunar através de assumptos completamente extranhos á obra criticada.

E' uma cilada, já se vê, armada á boa fé dos inexperientes. Talvez um bom modo de descartar-se da obra, que o critico não pretendeu ou não pretende analysar.

Araripe remata a narrativa dizendo com muito bom humor:

«Ri-me, porque a satyra vinha com endereço a mim.»

As deformações pitorescas da ironia exprimem, ás vezes, melhor as cousas do que a seriedade lyrica dos dythirambos e a eloquencia condoreira dos panegyricos. As «cebolhas descascadas» só eram pejorativas na apparencia. No fundo chistoso da phrase estava expressa uma verdade que vem a ser esta: Araripe punha muito de seu no brilho dos outros. Se não fôra essa preocupação perdularia, elle teria realizado uma obra propria de escriptor de grande intensidade e pujança e não haveria seguramente ficado nas tentativas quasi falhas do romance...

Ha nos seus livros paginas admiraveis de estylo, notações psychologicas felicissimas, paisagens quentes pintadas com energia, allegorias fortes e lindas, dialogos expontaneos e vivos, tudo que pode fazer do homem um grande e legitimo servidor directo da arte e da imaginação. E, renitente, aureo, insoffreavel, repontando aqui e ali, passa na sua obra literaria o sopro da vida calida, o sensualismo tropical expontaneo.

Não lhe estou a fazer malevolencia alguma com a sinceridade deste elogio na parte concernente á natureza intrinseca da grande figura que commemoramos. Todos nós precisamos de alguém que nos levante a ponta desse veu com que nos cobrimos.

Quando publiquei o meu segundo livro de versos, elle não se conteve que não indicasse em mim, entre tanta nevoa e tanta magoa, o signal oculto da voluptuosidade. Não era, aliás, de extranhar que o tivesse o mystico no desbordar da mocidade. O espiritualismo velado e discreto conduz mais depressa aos gosos ardentes do que o proprio materialismo declamador e grosseiro.

Albert Lœclerc, no seu interessante livro *Le mysticisme catholique et l'ame de Dante*, descreve com scientifica precisão o segredo esquecido:

«Il faut reconnaître, avec la physiologie contemporaine, que les centres cerebraux intellectuels des êtres predisposés à une emotivité de ce genre sont le siège d'impressions voluptueuses d'un ordre spèciel mais très vives; il faut encore remarquer la transposition considérable d'émotions sexuelles qui révèle l'expression des passions qui peuvent d'abord paraître asexuelles; la psychologie a même établi que l'apparition première chez l'individu, et que l'évolution individuelle

ou sociale de tout ce qui a une valeur d'art dans toutes les œuvres humaines, étaient dues en partie au stimulant de cette puissance mystérieuse, mère aussi des plus ignominieux mouvements, qui réside, en notre système nerveux central, à l'opposé de l'encephale».

Justificando-me, assim, da increpação oportuna que o saudoso e querido mestre e amigo me fez, a elle proprio applico agora as excusas scientificas do mal divino, que nunca foi privilegio dos symbolistas morbidos, podendo, como se vê, alastrar-se sobrepticamente até aos criticos mais austeros...

Poucos, rarissimos no nosso pais, terão enchido tão ampla e dignamente uma longa vida de intelligencia, de estudo, de bondade e de trabalho, como esse cearense maravilhoso e ironico, cuja boca breve e cujos olhinhos perquiridores pareciam protestar contra a austeridade um tanto rude do semblante, onde aliás as rugas não eram senão expressões do sonho torturado, que tudo ambicionava conhecer e decifrar desde os grandes lances tragicos de Eschylo, até ás rebeldias innovadoras dos dramaturgos e philosophos scandinavos.

Tendo herdado do seu velho e digno pai o habito da leitura, o prazer da discussão, o gosto da historia e das letras, o methodo no trabalho, a vontade firme, foi de direito um continuador brilhante da justa fama e glorioso prestigio da familia illustre, cujo sobrenome tres vezes brilha nesta casa.

A sua obra assume aspectos imprevistos. Esplende o autor na ficção, como romancista, percorrendo toda a gamma, desde a suavidade imaginosa até o pinturesco regional e a complicação psychologica que nivela os escriptores aos alienistas.

Ha muito que ler e admirar em todos esses trabalhos de imaginação, desde *O ninho do beija-flor* e *o Reino Encantado* até *Jacina-a Marabá*, *Miss Kate* e *O Cajueiro do Fagundes*.

Na critica, embora em regra se servisse dos livros de que tratava como um simples pretexto para se expandir e se espraiar, adqueriu uma autoridade incontrastavel e primou sempre pela acuidade de seus processos, vastidão de sua cultura literaria e philosophica, segurança do criterio e actualidade dos conceitos.

Elle era, de facto, um critico, se fazem grande questão de appellidalo; mas ninguem pôde filiar sem maiores explicações o seu poderoso espirito a essa missão dogmatica de commentador official, cahida hoje em desreredito.

Araripe, tinha em alto gráu a paixão do bello, vibrava com os grandes autores, delirava com elles, possuido sempre do fogo interior que crêa, vivifica e deslumbra. Ora, a critica não se apaixona, não vibra, não delira: esmiuça, conta, mede, pesa, apara, censura, tudo com pausa, tudo sem alma, irritantemente esteril na sua função parasitaria...

Convem lembrar o que Araripe Junior disse um dia, por desencargo, salvando embora os typos consagrados de

Paul Saint Victor, Sainte Beuve, Hyppolite Taine, John Ruskin e outros de sua predilecção:

-Eu não creio que a critica seja uma sciencia fundada. Não lhe conheço os principios abstratos. A critica, portanto, arvorada em magistratura, é um escandalo tão digno de ser profligado como as antigas justicas consulares.

Os criticos que elle admirava e cujos processos procurava seguir, não eram propriamente os que tudo explicavam, á maneira de Taine, nem os que deduziam regras como de uma sciencia independente, e se tem tentado infrutiferamente de Baumgarten até o mallogrado Hennequin.

Isto, que elle escreveu em janeiro de 1907, combina, perfeitamente, com o seguinte que deixara impresso em maio de 94 no prefacio da primeira edição do *Gregorio de Mattos*:

-Orientado no evolucionismo spenceriano e adextrado nas applicações de Taine, procurei depois fortalecer-me no estudo comparado dos criticos vigentes. Todos os pontos de vista de exegese moderna tem sido objecto de minhas preoccupações. Toda idéa, boa ou má, exequível ou inexecuível, é sempre humana. Assim, pois, acostumei-me a nada desprezar. O proprio pessimismo e os seus variadissimos dialectos literarios, occultismo, decadismo, preraphaelismo, wagnerismo, tem me ensinado a discernir, melhor, as cousas humanas; a dirigir o espirito, pondo de lado o que é fortuito. Devo declarar, tambem, que muito continuo a aprender relendo Aristoteles, Longino, Horacio e, principalmente, o bom Quintiliano. O *Laococnte* de Lessing fez época na minha carreira de critico, apesar de haver o conhecido quando já estava muito familiarizado com a esthetica de Taine. Lessing, pelo menos, convenceu-me de que os principios da arte, os elementos simples, já eram conhecidos da antiguidade grega e que a critica moderna apenas desenrolou, equilibrando-os e agora trata de adaptal-os á vida complexa do espirito secular.

Per estas palavras, que são delle proprio, facilmente se verifica quão longe andava o critico da critica, tomando esta e aquelle no sentido commum e vulgar.

Mais recentemente ainda, em julho de 1909, repetindo e ampliando uma contestação que oppuzera ao doutissimo José Verissimo em 1906, fez timbre em explicar miudamente a influencia de Taine nos seus processos de critica, declarando, então, abertamente, que, sem negar essa influencia, tomara rumos propios, por uma discordancia visceral de sua natureza com as *tendencias pessimistas, o determinismo secco e a falta de lyrismo* do autor da *Historia da Literatura Inglesa*.

Liberto do monopolio das escolas, pelo estudo da sociologia contemporanea, que parece ter destruido o velho espirito de sectarismo, voltou a Taine, mas só para procurar, como refere no seu ultimo livro dedicado ao Conde de Prozor e que, por ser uma maravilha que nos honra, já devia estar traduzido para lingua mais falada, as *correlações dos estylos e as suas influencias á distancia no tempo e no espaço*.

Foi então que elle tomou a Arte nas suas expressões mais altas e mais perfectas, pondo-se a estudar o sentimento da tragedia, desde Eschylo até Ibsen e enfileirando de per-mei-o Alighieri e o grande Will, para chegar, finalmente, aos altos pensadores e escriptores do seculo XIX, sustentando, apoiado em Nietzsche, que o sentimento tragico virá a construir a verdadeira base da obra artistica do seculo XX.

Araripe confessava que dahi lhe viera uma grande alegria interior, o goso de viver comprehendendo a vida em toda plenitude de suas manifestações. Mas não sei se combateu e destruiu, como ingenuamente imaginava e dizia, «as duas supremas negações, o diabo e a morte», que eu, na minha insignificancia, continuo a reputar dous symbolos eternos, duas figuras inextinguiveis, causa e finalidade das tragedias todas...

No commentario, ninguem foi mais vivamente pugnaz e buliçoso do que Cosme Velho, cujos dialogos scintillantes, lepidos e uma vez por outra causticos, diziam com independencia das novas grandezas do Brazil.

Como burocrata, a sua tarefa representa uma somma formidavel de trabalhos. Seus pareceres, guardados no archivo da secretaria da justiça e negocios interiores, dariam volumes e volumes de doutrina e praxe administrativa.

Para esse ministerio só entrou em 1886. Havia sido já secretario do governo em Santa Catharina, de janeiro a dezembro de 1871, Deputado provincial do Ceará nos dous biennios de 1872 a 1875 e juiz municipal de Maranguape do penultimo anno indicado até 1876. A advocacia nunca lhe sorriu, como tambem não lhe tinham agradado a politica e a magistratura. Elle não era homem da lei, mas da doutrina, nem dos partidos, mas das idéas. A propria carreira para que se titulava como que se lhe afigurava uma permanente deformação intellectual para servir a interesses particulares nem sempre legitimos. Faltava-lhe tentar a burocracia. Aproximou-se della com o vago pavor de encontrar-lhe os mesmos defeitos das outras profissões pelas quaes transitara. Mas a nossa burocracia naquelles tempos era uma severa escola e elle pôde, por fim, sentir-se bem no logar a que concorrera. A republica ali o encontrou e foi premiando-lhe os meritos, até que lhe creou um logar privativo, como a sua capacidade reclamava.

Jurista, Consultor Geral da Republica, foi durante annos uma admiravel encyclopedia do direito posta ao serviço dos interesses superiores do pais, esclarecendo e guiando o governo em um sem numero de questões relevantissimas, tratadas exhaustivamente pela sua sapiencia indiscutivel, que pôde substituir sem demerito o apparelho sumptuario do antigo Conselho de Estado.

Na resenha dessas questões encontraremos monographias completissimas sobre os mais importantes e variados assumptos de que apenas enumerarei estes, a titulo de simples nomenclatura:

- I. Immunidades parlamentares;
- II. Mineração;
- III. Taxação dos Estados e do districto federal;
- IV. Prescrição (varios casos);
- V. Montepio (idem);
- VI. Accumulações remuneradas;
- VII. Leis de amortização;
- VIII. Catechese;
- IX. Funções publicas vitalicias.—Direito e garantias dos funcionarios vitalicias;
- X. A telegraphia sem fio em face de regimen da Constituição Federal sobre o serviço de telegraphos;
- XI. Propriedade e servidão militar;
- XII. Irreductibilidade de vencimentos da magistratura;
- XIII. Monopolios municipaes em concurrencia com serviços federaes;
- XIV. Expulsão de estrangeiro;
- XV. Direitos autoraes de estrangeiro não residente no Brazil;
- XVI. Distribuição constitucional e registro nacional das aguas;
- XVII. Intervenção federal nos Estados (varios casos);
- XVIII. Vacancia de bens de ordens religiosas;
- XIX. Intervenção do Governo Federal na instrucção primaria do pais;
- XX. Cessões territoriaes feitas pelo Governo Revolucionario do Acre.

Esbarrei, ha dias, na Bibliotheca da Camara, com um volume do *Espirito das Leis* de Montesquieu, com a capa estragada e indicios evidentes de trato constante.

Na primeira pagina está escripto: Araripe Junior, Recife, 1868. Como elle nasceu em 1848 (27 de junho) segue-se que, aos vinte annos, doze mezes antes do formar-se, já trocava os compendios pelas obras mestras.

Quarenta annos decorridos dessa primeira leitura na successão interminavel de outras igualmente valiosas para a comprehensão larga do direito e da democracia, por força apuraram o seu sentimento politico no liberalismo e na tolerancia.

Na mesma bibliotheca estão hoje alguns de seus cadernos de trabalhos e notas. E' preciso consultal-os para se ter idéa do seu methodo admiravel de trabalho e da segurança de suas fontes de informação.

Escrevendo a respeito do primeiro volume de seus pareceres, disse o illustre dr. Valladão:

«O seu processo de orientação é sempre seguro. O texto da Constituição não lhe inspira timidez. Além de crítico, Araripe Junior delle se aproxima desassombrado: examina-o, desdobra-o até que elle se possa harmonizar com a sua finalidade social. Não é um fetichista da lei: é um cultor do direito».

Personificando o typo ideal do perfeito polygrapho, a sua acção educadora no nosso meio se dilatou de um modo realmente prodigioso.

Pasmava a gente de encontral-o tão modesto, a cuidar de cousas minimas, contente da vida entre os seres que adorava, e feliz tambem dos amigos que possuia e das admirações que suscitava, sem parecer que attentasse nisso.

Quem o visse, nos ultimos tempos, quasi infantil, a ageitar sem descanço o microscopico *pince-nez* azul, que parecia reputar um hospede importuno no seu nariz recto e curto, quem o visse, despreoccupado e moroso, a sahir de um cinema para entrar no immediato, lado a lado de Euclides da Cunha, este outro incomparavel gigante que elle revelara ao Brasil estarrecido em dous ou tres artigos de critica, mal supportoria que aquelle velho sympathico e palestrador fosse, na verdade, a capacidade complexa e multiforme, admirada por todos os seus contemporaneos.

Eseragnolle Doria nol-o desereve como um avô caroavel, fazendo com os netinhos passeios longos que terminavam em regabofes de frutas, ou conduzindo-os com extremos de ama secca aos circos de cavallinhos para que vissem os trapezistas e palhaços e se divertissem e o alegrassem tambem com a angelitude de seus brincoos.

Eu não poderia, de modo algum, fixar neste breve discurso os traços principaes da saudosissima figura que me precedeu e cujo logar aqui ficará mais vago ainda com a insufficiencia palpavel da minha presença.

Delle recebi, nos intervallos da molestia que o prostrou, reiterados bilhetes para que apresentasse a minha candidatura á vaga de Raymundo Correia. Guardo esses autographos, como reliquias da bondade que se partiu e choro a fatalidade que me trouxe por affecto a pleitear-lhe a successão. Não carecis de perspicacia para comprehender que os vossos votos claudicaram na escolha, nem eu me animo a excusar-me da audacia de havel-os impetrado. Culpae a solitudine benevolente de Araripe Junior e de outros que moram convosco e afinam pela mesma corda sentimental e gentil.

Elle imprimiu, sempre, em relevo, esta nota suavissima nas faces polyedricas de seu grande e formoso caracter de homem e de escriptor.

Josè Verissimo, seu digno amigo e irmão nas letras, accentuou-lhe essa qualidade primacial no breve e solido necrologio que pronunciou á beira de seu tumulo no dia de seu sepultamento. A presença do nosso digno Presidente nesse enterro foi outro testemunho eloquente do reconhecimento das qualidades moraes do morto. Elle nunca poupou flagellações ao genio de Ruy Barbosa, mas este, que lhe era rival na bondade sem fim, comprehendeu com tocante indulgencia, no instante de seu desaparecimento, que tedas aquellas investidas, como as que, por exemplo, se advinham n' *Os Dous Grandes Estylos*, significavam apenas represalias nobilissimas

da piedade filial maguada e sincera, embora talvez sem causa que justificasse tamanho ardor etão vivos resentimentos.

Pena foi que taes represalias houvessem até chegado a ocasionar, da parte dos melindres offendidos, o rompimento com outro intellectual distinctissimo, perfeitamente innocente de semelhantes diabruras...

Senhores: Antes de compor este discurso, que me vai sabindo tão ineolor e sem nexo, quiz reler todos os outros aqui pronunciados em occasiões analogas no proposito mental e geometrico de regular por elles a forma e extensão do meu. Encontrei-os de todos os tamanhos e feitios, excellente affirmação de que a Academia não fixou ainda o seu metro á loquacidade dos recipiendarios. Vejo, com pezar, que estou enchendo de cousas vasiaz a minha falla sem tom e sem fundo. Perdoai-me, com o precedente de outros, que por pouco se não esqueceram de seus grandes patronos. Eu vos fatigaria se me propuzesse trazer-vos minucias biographicas e analyticas. Contento-me com o bastante para vos mostrar que entro desolado por não poder jamais honrar sufficientemente a successão difficilima. A sinceridade de minha saudade possa ao menos justificar o excesso da pretensão que, inadvertidamente, coroastes. Tomo o exemplo sobrio de João Ribeiro e vos digo, como elle o fez do suavissimo Luiz Guimarães, que o dia é do louvor e não da critica.

A critica é uma função do negativismo. Quem critica de verdade só por excepção admira. A justiça do preclaro academico designado para me receber, não olvidará, naturalmente, o castigo do vicio apologetico, hoje tão radical em mim como a virtude contraria m'o foi na primeira idade. Acatarei a pena como lição proficua, porque sei que elle educou o seu fino espirito na observação, que hoje substitue, como mestra da vida, a velha Histeria, que escrevia sem penetrar o sentido dos factos e, apesar disto, se jactava de ser, na phrase de Cicero, a testemunha dos tempos e a luz da verdade.

Permitti que registre, para concluir, outros aspectos curiosos da personalidade de Araripe Junior, fallando, por exemplo, do que José Verissimo chamou nelle «o pico de exotismo e singularidade com que se lhe comprazia o gosto do extranho.»

Não tomemos semelhante alheamento ao pé da letra, pois muito certo é que não haja sido esse o objectivo da referencia autorizada.

Ninguém foi mais lidimamente e superiormente nativista do que elle a quem o proprio e illustre José Verissimo considerou um dos mais compenetrados da obrigação de fazermos essa obra, mais que todas patriótica, da cultura nacional.

Machado de Assis queria que a Academia servisse sobretudo para conservar no meio da federação politica a unidade literaria. Ninguém serviu melhor a esse ideal do que Araripe Junior.

Devemos attentar nisso com o maior cuidado. A federação politica está feita, embora ande por ahí adulterado e claudicando o pensamento constitucional que marcou ao Brazil essa forma de vida, que os espiritos mais adiantados do imperio, nos ultimos tempos deste, já namoravam, desilludidos de corrigir a atrophia do centro.

A unidade literaria será uma função logica e natural do triumpho do idioma. Graça Aranha entreviu essa victoria nas mais bellas paginas de seu livro, mas não devemos confiar que ella nos esteja assegurada sem um esforço constante de nossa parte para manter tão alta e bella conquista. Sô esse trabalho, pelo commercio ininterrupto das letras e pela diffusão ampla e larga do ensino, poderá nivelar as dessemelhanças linguisticas regionaes, que as disparidades mesologicas favorecem num pais vasto como o nosso e a invasão em massa de elementos de fóra agrava sobremodo. Todo o homem de intelligencia e de preparo, entre nós, deve ser uma força militante e educadora, escrevendo o mais que puder para assegurar o patrimonio inestimavel e habilital-o, assim, a resistir melhor, pelo apuro da cultura, á fragmentação dolorosa que se receia.

A propósito desse assumpto, a referencia ficaria incompleta se eu não alludisse a uma passagem muito interessante dos *Lucros e Perdas*, chronica mensal dos acontecimentos, que Araripe Junior redigiu em 1883, de collaboração com este outro luminar da critica no Brazil, Sylvio Romero.

O destino de nosa literatura foi ali nitidamente fixado pelo segundo, com pincel de mestre. Ouçamol-o:

«Todo e qualquer problema literario ha de ter no Brazil duas faces principaes: uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento humano e outra pelo meio nacional, uma que deve attender ao que vai pelo mundo e outra que deve verificar o que pôde ser applicado ao nosso pais. A literatura no Brazil, a literatura em toda a America, é um processo de adaptação de idéns européas ás sociedades do Continente».

«Para que a adaptação de doutrinas e escolas européas ao nosso meio social e literario seja fecunda e progressiva - é de instante necessidade conhecer bem o estado do pensamento do velho mundo e ter uma idéa nitida do passado e da actualidade nacional.»

Araripe fulgiu nessas duas modalidades imprescindiveis á formação do ambiente compositor que o seu collega de pamphleto reclamava para exprimir as conveniencias de ordem cultural no Brazil.

As nevoas intellectuaes, em que gostava de mergulhar, não lhe tiraram a marca de nascença. O cearense perdurava nelle, como um bom e amoroso filho da terra ardente, brasileiro e entusiasta, cheio, é certo, de curiosidades universaes, mas fiel e apegado ao sentimento da patria, que as suas intimidades mentaes com os credos libertarios mais avançados

nunca lhe modificaram. Gabou-se até disso quando, no momento de irrupção jacobina, conseqüente ao triumpho da primeira resistencia militar na Republica, lançou a publicidade o seu notavel estudo sobre Gregorio de Mattos, erigindo-o num symbolo inicial da revolta nativa. Bisneto de Barbara de Alencar, a heroína e martyr a quem elle proprio chamou de Cornelia e a quem o padre Joaquim Dias Martins se refere com tantos gabos; neto do intrepido e mallogrado Tristão Gonçalves, cuja cabeça Lord Cochrane poz a premio, e daquella doce e abnegada Anna Triste, que fez de sua longa viuvez um noivado de lagrimas; filho do segundo varão daquelle nome e ligado pelo sangue ao famoso padre José Martiniano e ao notavel romancista e politico José de Alencar, elle encarnava, por successão legitima, a gloria do Ceará na amplitude de suas tradições liberaes e nacionalistas e na refulgencia de suas letras apuradas e distinctas. E foi mais pelo renome do Brazil do que pelos brazões da familia collateral, que eternizou a figura do autor do *Guarany* e fixou nos seus variados trabalhos, tantos outros typos excelsos de nossa gloria, chegando até ao mysticismo doentio de Anchieta, que aliás não creio ter sahido muito diminuido de suas irreverencias.

O seu gosto pelo estranho não era tambem só o extravasamento da gentileza literaria, enaltecendo os de fora, como fez com o alto e brilhante espirito de Garcia Merou, para retribuir o galante favor de sua assiduidade nas palestras finas d' *A Semana* e não sei tambem se nos chás deselegantes mas saborosos da antiga e celebrada *Revista Brasileira*, cujo nome todos que aqui entram estão no dever de citar porque foi ella o verdadeiro nucleo formador desta Academia.

No fundo, essa tendencia para o estranho não significativa da parte de Araripe senão o horror da banalidade e a propensão intellectual incoercivel para penetrar e discutir aquillo que elle proprio chamou uma vez referindo-se, se bem me lembro, a Alighieri, a *parte nocturna das cousas humanas*, ou sejam os *themas eternos* sobre que palestram as figuras immortaes de Milkau e Lentz na *Chanaan*, verdades absolutas e inexplicaveis que ficam representando, em todas as literaturas, como na longa historia dos systemas de philosophia e critica, os grandes marcos miliars do pensamento e da arte á semelhança d'aquelles pharóes soberbos de que nos falla Baudelaire nas linhas quadras que consagrou aos pintores do genio:

- Car c'est vraiment, Seigneur, le meilleur temoignage
Que nous puissions donner de notre dignité
Que cet ardent sanglot qui roule d'âge en âge
Et vient mourir au bord de votre éternité! -

Delle posso dizer que foi, talvez, o unico que comprehendeu a geração de que sou parte minima e que devia de pre-

ferencia ser representada entre vós por algum dos artistas puros que produziu e que o jornalismo não estragou.

Quando Cruz e Souza appareceu com o *Missal* e os *Broqueis*, todos se conclamaram contra o estheta novo e estranho, apedrejando-o como um vasio e campanudo arrumador de phrases. Araripe, não. Não o desprezou, nem fingiu que o não via. Deteve-se a examinar longamente aquelles dous livros que já annunciavam o poder das *Evocações*, a claridade dos *Pharoes* e a sabedoria dos *Ultimos Sonetos*. E' possivel que, com o querer tornar-se exhaustivo, tivesse parecido cruel. Mas não deixou de reconhecer que as novas formulas ficavam sendo uma transformação necessaria do parnasianismo. Foi mais longe, confessou que a aspiração da escola era crear aptidões novas, nova afinação aos nervos, exprimir o inexpremivel, transformando o poeta no microphono vivo da vida terrestre invisivel. Considerou-nos, apesar de tudo, «um symptoma de phenomenos mais elevados». Não foram de outra ordem os conceitos mais recentes de Bergson, que o Professor Dumas divulgou entre nós, sobre o significade e alcance do movimento symbolista.

Seis annos depois, na monographia do Livro do Centenario, Sylvio Romero, incluia o negro admiravel entre os reis do verso no Brazil, dizendo que elle era a muitos respeito «o melhor poeta que o nosso pais tem produzido», o verdadeiro «ponto culminante de nossa lyrica após quatrocentos annos de existencia». Não tardou que nos chegasse do estrangeiro o echo dessa consagração na admiravel conferencia de Ricardo Jayme Ferreira. E, ha poucos mezes, o espirito eminente e gentil que preside a esta sessão, o Sr. Conde de Affonso Celso, fechava o seu formoso discurso aos novos bachareis em direito, recitando-lhes com alma e sentimento quatorze lapidares decassylados do grande artista morto.

Por occasião do passamento de Araripe Junior, dei no *Jornal* a noticia commentada que a afflicção do momento me suggeriu. Vossa *Revista* considerou-a bem feita e a transcreveu. Não é demais que eu lhe reivindique a paternidade, reportando-me aos seus termos, como excusa da estreiteza deste discurso, a que tive de fazer numerosas aparas, pelo respeito que me merece a vossa attenção.

Posso rematar sem atavios, voltando ao começo, para ligar pelo mesmo traço commum a febre da indagação moderna, perfurante e subtil, que deve ser o apanagio do jornalismo de nosso tempo e os aspectos protheiformes dos grandes espiritos como o de Araripe Junior.

E' a vida que nos interessa, na complexidade immensa de suas manifestações, sejam estas visiveis e claras, ou sejam sybilinas e trevosas.

Todos nós somos arrastados na onda universal da curiosidade, que não se exerce só sobre os factos, antes persegue e devassa as idéas, até para além dos segredos da morte. Araripe foi um ousado navegador destes mares immensos e sem

praias, onde a illusão humana chora os desesperos de sua impotencia. A sua substituição devia caber a alguém da mesma envergadura e possança, nunca ao fragil aprendiz sem condições e incapaz de fallar-vos a linguagem reveladora e profunda de que o Mestre se servia para desvendar os mysterios da razão e explicar na Arte os fatalismos do destino social. Elle occupou, entre nós, um pinacero soberbo e eu sô devo esperar que a lição de seu descortino continue projectando sobre o planice môdesta, onde vivem os humildes, um pouco de luz divina, para consolar as almas rudimentares, que não podem subir ás alturas soberanas de onde tudo se abarca e se avista no goso radiante e perfeito da eterna belleza!

Felix Pacheco.



O suicida

(Fragmento de um poema)

Range o velho portão que se abre a mãos nervosas...
E' alguém que vem rezar na sepultura minha...
Talvez almas de amor como a alma da vizinha,
Que a rabeça esqueceu e as risadas gostosas...

Minhas doces irmãs!... Ai! como vêm chorosas!
Diva, Dulce, Man-Déa, a minha irmã madrinha...
E entre todas, meu Deus! o chale de Dindinha,
Maços de vela, a cruz e um punhado de rosas...

Depois é Dona Flôr com os seus cravos em punho!
Chega, ajoelha-se e reza... Os seus divinos olhos
Vermelhos de chorar, são dois poentes de junho...

A noite cahe, por fim, no amplo valle de Cruzes,
E eu, feliz, sem pensar neste valle de Abrolhos,
Lá me fico, a sonhar, entre flores e luzes...

Domingo. Um dia de oiro. O sol, como uma asa
Ampla, sonora e bôa, anda affagando os lyrios...
Dona Flôr, que por mim soffreu tantos martyrios,
Nada no mundo vê que o coração lhe apraza...

Na manhã toda azul, tão doce e tão discreta,
Arfa-lhe, brando, o peito—aureo vergel de rosas...
E' a saudade sem fim das ancias deliciosas
Com que outrora esperava o seu querido poeta...

E imagina que eu volto e, na ternura infinda,
Relembra o nosso amor de alvoradas vermelhas,
Censuras que me fez mais doces que as abelhas,
Palavras que eu dissera em certa noite linda...

Nisso, o meu livro encontra e, unguindo o pensamento,
Sonha, a pagina lendo em que a ventura nossa
Era um dia habitar essa tranquillã choça
Onde, á tarde, se goza os cannaviaes ao vento...

Mas a cabeça erguendo e olhando o céu deserto,
Recorda-me no horror de um tumulto fechado,
E estremece e se assusta e tomba o lyrio amado!...

Lá fóra o sol é um cravo extranhamente aberto...

*
ii

Na velha casa agora é sempre a mesma cousa!
Nenhuma alteração! O armario, a cantareira,
A mesa de jantar, onde o gato repousa
E onde versos compuz sentado á cabeceira...


Eu levanto, por fim, a minha triste lousa
E uma visita faço á velha companheira.
A noite é feia e má. E, alvoroçado, pousa
Um velho corujão no cimo da cumieira...

De subito, pavor! Que voz plangente e branda
Recita Baudelaire? E' um vulto! Pelas costas,
Divulgam-no rangendo os ossos na varanda...

Quêdam minhas irmãs. Dindinha, com tremura,
Balbucia orações... E todas, de mãos postas,
Ficam da côr da cal...

Prosegue a noite escura!

Celso Pinheiro.



Escriptos particulares

*São válidos, na vigencia do Dec.
n. 79, de 23 de agosto de 1892,
os escriptos particulares assigna-
dos a rogo?*

De alguns annos para cá, vem decidindo, invariavelmente, o tribunal de justiça do Estado—que são insanavelmente nullos os instrumentos particulares de qualquer contracto, desde que não sejam escriptos e assignados do proprio punho dos contractantes. Comprehende-se bem o descabro, resultante dessa jurisprudencia, para as relações juridicas dum povo, como o nosso, que conta no seu seio a respeitavel cifra de oitenta por cento de analphabetos.

Accrescentem-se a isso os gastos, os incommodos, as difficuldades de toda ordem e as enormes distancias que tem a vencer a população rural, para transportar-se á séde de um cartorio, cujo notario lhe passe a escriptura publica dos contractos de pequeno valor que celebrar.

Somme-se ainda a pobreza dessa mesma população, já onerada de encargos superiores aos seus poucos rendimentos.

Leve-se em conta a desvalorização das propriedades rusticas, objecto das operações contractuaes. Ver-se-á, então, que a doutrina do tribunal indigena conduz a grande maioria do povo piauihyense, presa do analphabetismo, á impossibilidade absoluta de relacionar-se juridicamente, ou, o que dá no mes-

mo, a praticar somente, em suas relações, actos nullos e insubsistentes. Colloca assim a maior parte dos habitantes do Estado—fóra da communhão do nosso direito, cujo gozo constitue um monopolio da outra parte menor e privilegiada.

Não ha povo, por mais rudimentar que seja a sua organização, que não tenha o seu direito, «uma das condições existenciaes da sociedade», como o conceitúa o genio de Ihering. *Ubi societas, ibi jus*. A applicação do direito escripto é a sua adaptação como «força productora do equilibrio nos aggregados humanos», segundo o conceito feliz de Phaelante da Camara. Essa deve ser a missão primordial dos juizes incumbidos de administral-o.

Desgraçadamente, tem sido mal comprehendida e desvirtuada pela alta magistratura estadual. Verdade é que os arestos clandestinos da nossa côrte de justiça não têm autoridade, nem são seguidos ou imitados, além dos nossos limites geographicos. Não ha mesmo quem os conheça, aqui ou fóra daqui, porque são conservados em rigorosa clandestinidade.

São, porem, muito sabidos e deplorados os seus perniciosos effeitos, em todo o territorio do Estado. E, porque no caso pertinente, para firmar a sua extravagante doutrina, o tribunal se apega á letra do decreto federal de 23 de agosto de 1892, procuraremos demonstrar, no correr deste rapido estudo, que elle está isolado na sua jurisprudencia e que o decreto indicado não o favorece, nem o apadrinha, por isso que tem sido erroneamente interpretado e applicado.

Em muitas questões judiciaes sobre posse de terras, as mais frequentes em nosso fóro, por causa do estado de indivisão e communhão das datas ou sesmarias, temos visto o tribunal de justiça rejeitar *in limine*, por imprestaveis e nullos de pleno direito, os titulos de compra e venda, sempre que têm assignatura a rogo de algum ou de todos os contractantes. É uma injustiça tanto mais clamorosa, quanto é certo que, em todos os casos, esses titulos são corroborados com a assignatura de duas testemunhas presenciaes e, em todas as acções agitadas em juizo, vêm completados com outras provas subsidiarias. Em regra geral, esses titulos transferem a posse e o dominio dos immoveis. Desde que se trate duma causa possessoria, a parte os exhibe unicamente para provar a sua posse, sem as exigencias dos requisitos e formalidades requeridas para prova do dominio.

Aliás, poderá a parte deixar de apresentar qualquer titulo e limitar-se a produzir testemunhas que convençam plenamente da existencia dos elementos da posse. E si, assim, desprovido de documentos, pode o autor, ou o réo, comprovar cabalmente o seu direito em litigio, com maioria de razão fal-o-á,

subsidiariamente, complementarmente, já havendo um começo de prova por escripto. O nosso tribunal, porem, não admite que se prove a posse, sinão por um titulo que seja habil, ao mesmo tempo, para aquisição do dominio!

Dahi a injustificavel exigencia da escriptura publica para as alienações de pequenas posses de terras, cujo valor seria inteiramente absorvido pelos dispendios com o tabellião, impostos etc. E basta que um litigante exhiba um escripto particular assignado a rogo, para ser preliminarmente julgado carecedor do direito que pleiteia, quaesquer que sejam as outras provas fornecidas a seu favor. Para esse resultado, não se faz mister que o outro contendor argua o vicio original de que está eivado o documento exhibido. E quando elle o argue, não chega a desconhecer, nem a impugnar a veracidade da transacção exarada no papel: fal-o somente para *desarmar* e mais facilmente *vencer* o adversario. Equipara-se, dest'arte, o pleito judicial a um exercicio de capoeiragem ou de jiu-jitsu... Numa acção petitoria, comprehende-se que sejam desprezados em preliminar os instrumentos que não estejam revestidos das solennidades que lhes são inherentes, para transmittir o dominio. E' bastante considerar que uma dessas solennidades essenciaes é a transcripção no registro dos immoveis, a qual não se pode effectuar, sem que as firmas dos contrahentes sejam reconhecidas por tabellião publico, quando a transmissão fôr por escripto particular, nos casos em que a lei a permite. (Dec. n.º 169 A, de 19 de janeiro de 1890, art. 8.º § 2.º).

Inversamente, porem, acontece com a posse, para cuja aquisição nem sempre se exige um instrumento e nunca se requer transcripção, nem reconhecimento de assignaturas, mas apenas, na maioria dos casos, a simples tradição.

Para fazer a critica da interpretação que, neste Estado, se vem dando ao Dec. n.º 79, de 1892, é preciso que nos remontemos ao estado do direito patrio, ao tempo da promulgação do mesmo Dec., em relação á materia por elle regulada no art. 2.º.

Na vigencia da Ord. Liv. 3.º tit. 59, ampliada pelo Alvará de 20 de outubro de 1793, só era exigida a escriptura publica para prova dos contractos que excedessem a taxa legal de 800\$000 nos bens de raiz e 1.200\$000 nos moveis. Esse dispositivo soffria diversas excepções, em que, mesmo além daquella taxa, eram válidos os contractos, independentes de escriptura publica.

Entre as excepções consignadas no citado Alvará e na Lei de 30 de outubro de 1830, figura a dos contractos celebrados nos logares em que não houver tabellião nem escrivão de paz, e tão distantes das cidades, villas e freguezias onde

os houver, que não possam as partes commodamente ir e voltar para suas casas no mesmo dia». Era uma excepção equitativa, que consultava bem os interesses e as commodidades dos habitantes dos sertões.

A Lei de 15 de setembro de 1850, no art. 11, tornou obrigatória a escriptura publica para a compra e venda de bens de raiz, de valor excedente a duzentos mil reis.*

Estavam as cousas neste pé, quando veio o Dec. de 23 de agosto de 1892, o qual, depois de facultar que todas as pessoas habilitadas para os actos da vida civil passem procuração de proprio punho, estabeleceu, no art. 2.º, que essas mesmas pessoas estão igualmente habilitadas para contrahir, por instrumento particular, feito e assignado de seu punho e com duas testemunhas, obrigações e compromissos de qualquer valor. Abriu uma excepção no paragrapho unico, para os casos em que a escriptura publica é da substancia do contracto.

Qual a innovação que trouxe o citado Decreto? Apenas ampliou, ás pessoas que sabem ler e escrever e estão no gozo dos direitos civis, a facultade de se obrigarem por escripto particular, qualquer que seja o valor da transacção.

Quanto ás outras pessoas, manteve as limitações da legislação anterior.

A mesma legislação foi mantida, em relação a estas e aquellas pessoas, para os casos em que a escriptura publica é da substancia dos contractos.

Nenhuma outra modificação foi introduzida em nosso direito contractual.

Por que concluir que, em face do Dec. apontado, não se admittem mais escriptos particulares assignados a rogo?

Como inferir desse Decreto—que os analphabetos e os impossibilitados de escrever estão feridos de incapacidade para contractar, por instrumento particular, dentro da taxa legal, quando a incapacidade é materia excepcional e *stricti juris*, que deve ser expressamente declarada em lei?

E' um erro grave—suppor que com o advento do alludido Decreto ficou revogado todo o direito, até então em vigor, attinente á materia. E' principio geralmente acceto, ensina o Dr. Clovis Bevilacqua, que a lei especial posterior não revoga a geral anterior; nem a geral posterior revoga a especial anterior, si a ella não se refere explicita ou implicitamente para revogal-a. (*Theoria Geral do Direito Civil*, pag. 61).

Si o tribunal piauihyense mantiver obstinadamente, até as ultimas consequencias, a sua famosa doutrina de não admittir instrumentos particulares assignados a rogo, terá, *ipso jure*, abolido da legislação patria duas especies de testamentos em que a assignatura do testador, por essa forma, é expressamente

permitteda. São os testamentos cerrado e privado. A definição de cada um delles contém a permissão de que tratamos. «*Testamento cerrado, secreto ou mystico, define o Dr. Clovis, é o escripto em carta sigillada, PELO FUNHO DO TESTADOR OU POR OUTRA PESSÔA A SEU RÔGO, e completado pelo instrumento de approvação feito pelo tabellião, assistido por cinco testemunhas idoneas*».

«*Testamento privado, aberto privado, cu particular, define o mesmo jurisperito, é o ESCRITO PELO TESTADOR OU POR OUTRA PESSÔA A SEU RÔGO, lido perante cinco testemunhas idoneas, e assignado, em acto continuo, pelo mesmo testador e as testemunhas*». Logo em seguida, acrescenta o mestre citado que, quando o disponente não souber ou não pudér assignar, deverá fazel-o a pessoa que escrever o testamento, formando então uma sexta testemunha. (*Direito das Successões*, pags. 230 e 237). Dessas duas especies de testamentos, com todos os caracteristicos contidos em suas definições, occupam-se a Ord. Liv. 4.^o tit. 80 §§ 1, 2 e 3; o Assento de 10 de junho de 1817; Teixeira de Freitas, *Consolidação das Leis Civis*, art. 1055 §§ 1 a 11 e art. 1060; Coelho da Focha, *Instituições de Direito Civil*, §§ 679, 680 e 681; Trigo de Loureiro, *Direito Civil*, §§ 319 e 320; Gouveia Pinto, *Tratado dos Testamentos*, cap. 5 §§ 1 e 2; Martinho Garcez, *Nullidades dos actos juridicos etc.*

Os argumentos expostos collocam o tribunal de justiça neste dilemma: ou, coerente com a sua jurisprudencia, arroga-se mais uma vez o papel de legislador absoluto e declara extinctos os testamentos assignados a rogo do testador, ou transige consigo mesmo e capitula deante do seu erro. A reconhecer a validade de taes testamentos, como não pode deixar de fazer em face do nosso direito positivo, terá de reconhecer tambem a dos outros escriptos particulares, firmados em igualdade de condições. Como conceber, effectivamente, que o dono duma grande fortuna possa dispôr de toda ella, num testamento assignado a seu rogo, e não possa dispôr, em alienação, duma parte minima d'essa mesma fortuna, em outro instrumento assignado por forma identica? Não é visivel o absurdo?

Dissemos que, felizmente, só o tribunal do Piauhy interpretava tão erroneamente o decreto federal sobre procurações e contractos de proprio punho.

Vamos demonstrar agora que, por felicidade, ainda para os habitantes dos outros Estados, elle está sosinho, completamente insulado, na doutrina singular que tem firmado sobre o caso.

Já em pleno dominio do alludido decreto, surgiu no fôro de Parahyba do Sul, Estado do Rio de Janeiro ma acção de-

enciaria, baseada num documento de obrigação escripto e assignado a rogo do devedor, que era analphabeto.

O tribunal da relação daquelle Estado, ao tomar conhecimento do feito, por meio de agravo, decidiu que o mencionado documento, pelo facto de estar assignado por essa forma, embora com duas testemunhas, não era um título liquido e certo, nos termos do art. 247, §§ 1.º a 7.º do Regul. n.º 737, de 25 de novembro de 1850, para permittir a acção especial de assignação de dez dias.

Não reconheceu, porem, que o instrumento ajuizado fosse *nullo pleno jure* ou inhabil para autorizar o exercicio da acção ordinaria. Ao contrario, do julgado proferido na especie, se conclue que o título foi considerado inapto somente para a acção decenciaria proposta, por lhe faltarem os requisitos de liquidez e certeza exigidos pela lei, mas não foi reconhecido defeituoso ou viciado para autorizar o seu titular a agir pelas vias ordinarias. («Revista de Direito» vol. 1.º pag. 221). O tribunal de justiça de S. Paulo tem decidido uniformemente que «tem todo o valor juridico o escripto particular assignado a rogo do devedor, com testemunhas». (Accs. de 8 de agosto e 25 de novembro de 1903, de 7 de maio de 1904, de 4 de março e 11 de novembro de 1905 e 20 de abril de 1906, no «S. Paulo Judiciario» vol. 2.º pag. 505; vol. 3.º pag. 343, vol. 5.º pag. 132; vol. 7.º pag. 266; vol. 9.º pag. 346; vol. 10; pag. 419; vol. 14 pag. 108; vol. 15, pag. 417, citados por Bento de Faria, no seu *Codigo Commercial Brasileiro Annotado*, 2.ª edição, pag. 1239).

Quanto a outro documento particular, escripto por outrem, julgou o mesmo tribunal que só faz prova em juizo si é reconhecido por quem mandou estrever e assignar ou ao menos pelas testemunhas instrumentarias, que devem ser inquiridas dentro da dilação na propria causa, com citação do que se diz responsavel. (Acc. de 20 de junho de 1910, nos logares indicados). E' muito justo e muito logico que se exijam provas complementares, para inteira validade dos instrumentos assignados a rogo de quem por elles se obriga. Mas, rejeital-os sem mais exame e declaral-os inexistentes, é uma injustiça revoltante, salvo quando se tratar de títulos especiaes, como a letra de cambio e a nota promissoria, nas quaes a lei requer explicitamente, como condição essencial, a assignatura do proprio punho do acceptante ou emittente.

Pelo facto de dispôr o Decreto 79 de 1892 que as pessoas habilitadas para os actos da vida civil podem contrahir compromissos e obrigações de qualquer valor, por meio de instrumentos particulares por ellas escriptos e assignados, não se deve interpretar, *a contrario sensu*, que as outras pes-

CASA "AMIBIO BERTO"
(Biblioteca Publica)
YE 7011A

soas, não habilitadas, estejam excluidas dessa faculdade, desde que se restrinjam aos limites traçados na legislação anterior, ainda vigente. Uma tal interpretação, além de absurda, crearia incapacidades de que não cogitou o nosso direito substantivo. O que fez a nova lei foi acabar com as limitações, oriundas do valor dos contractos, para as pessoas capazes, que souberem ler e escrever, mantendo-as, porem, para as analphabetas

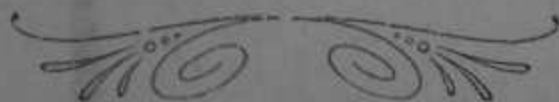
Para umas e outras, conservou a exigencia da escriptura publica, nos casos em que esta é formalidade substancial dos contractos. Parece que não se podem entender de outra forma a letra e o espirito do decreto tantas vezes aqui referido.

Recapitulando, assim, tudo quanto temos dito, chegamos, logicamente, á conclusão de que são válidos, no direito vigente, os escriptos particulares assignados a rogo e com duas testemunhas, desde que não excedam á taxa legal, exceptuadas as hypotheses em que a lei impõe a escriptura publica ou a assignatura do proprio punho das partes.

Oxalá que o tribunal de justiça do Estado, inspirando-se nos julgados dos outros tribunaes mais illustrados e mais competentes, emende o erro em que, obstinadamente, permanece e que tantos prejuizos tem trazido aos seus jurisdicionados.

Theresina - outubro - 1913.

V. Tito



A flauta

O' Flauta de alma bohemia,
De alma melancolica de lua,
A minha alma,
Na apparencia feliz, alegre e calma,
E' irmã-gemea
Da tua . . .

A tua voz de arrôxeadas maguas
Unidas nas secretas
Ancias dos corações desventurados,
Lembra, negra princeza,
Os ais dos Torturados,
O soluçar bucolico das aguas,
E a tristeza
De todos os Poetas . . .

O' Flauta! O' Trovadora
Das silentes e frias serenatas! . . .
A escala das notas e dos sons
Diz a gema das côres!
No verde physiologico das matas
A folhagem, bulindo, é uma cantôra,
E ha musica nas flores,
Flauta! tens no gemido a doçura dos Bons,
E o segredo rosado dos Amores . . .

Si os meus ouvidos te ouvem
A mente, soluçando outras canções,
Ao luar,
Eu sinto em mim as allucinações,
A alegria, o pezar,
As sublimes e tristes commoções
De Verdi e de Beethoven . . .

O' Flauta! O' Irmã da Lua!
De alma bohemia, de alma de sereia!
Evocativa do Amor e da Tristeza!
Canta, pranteia,
Negra princeza,
Minha saudade e a tua! . . .

Alcides Freitas.

SCIENCIA E RELIGIÃO

I.—Póde haver accôrdo entre a sciencia e a religião? Em outros termos, os dogmas religiosos conformam-se com os principios scientificos?

Ha muito vem se levantando, no mundo sabio, esse grave problema e o maior philosopho do seculo XIX fez uma tentativa de resolvel-o por meio da reconciliação. (1).

Com a devida venia dos competentes, vou tambem emitir meu juizo a respeito.

Definam-se os termos, dizia Voltaire, o polemista invencivel. E' o que me proponho fazer, antes do mais.

II.—Sciencia é um conjuncto de affirmações, ou conhecimentos relativos aos phenomenos da natureza. O espirito humano estuda o universo por *partes distinctas*, verificando as causas dos phenomenos e formulando as leis segundo as quaes elles se produzem no espaço e no tempo. Esse trabalho se effectua, segundo um systema especial de instrumentos, regras e processos (methodos) estudados na logica.

Todas as sciencias têm um fundamento commum e um alvo identico: o estudo da natureza, inclusive o homem, e a descoberta das suas leis, em proveito da humanidade.

Augusto Comte classificou as sciencias em seis principaes grupos: mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia e physica social, ou sociologia. A estas sciencias *abstractas* ligam-se as sciencias *concretas*: mineralogia, zoologia, botanica &c. Estas se referem aos seres e objectos existentes; aquellas, ás leis geraes dos acontecimentos. Ha, inda mais, as sciencias ditas *praticas*, que têm por objecto especial as regras da conducta: entre outras, a navegação, a artilheria, a esthetica, a rethorica, a grammatica, a politica, a jurisprudencia, o direito, a economia politica etc.

Acceito a classificação comteana sómente para o fim que

(1) H. Spencer, *First principles*.

tenho em vista, pondo de parte os defeitos que lhe notaram criticos autorizados.

III.—A palavra religião, segundo E'mile Burnouf, significa, não o vinculo do homem para com Deus, como se costumava dizer falsamente, mas o laço que reuniu varias pessoas em um mesmo systema de dogmas e ceremonias sagradas. (2) Esta definição não penetra, sufficientemente, a natureza da coisa; por isso prefiro-lhe a de Alfred Weber. Subjectivamente, diz este philosopho, a religião é o temor que nos fazem experimentar os dispensadores, reaes, ou imaginarios, da vida e da morte; objectivamente, é o conjuncto das idéas, doutrinas e instituições oriundas deste sentimento (3). O instincto da conservação propria e o temor da morte são a essencia mesma da religião.

A presença de um animal feroz, o phantasma de um inimigo em sonho, o ribombar do trovão, o rijo sopro das tempestades, as devastações do incendio, infundiam no animo do homem primitivo o sentimento da sua dependencia ante as forças da natureza, e o terror, exaltando-lhe a imaginação, fazia-o prostrar-se para adorar as potencias superiores, cujas causas ignorava. *Primus in orbe Deus fecit timor.*

Tambem os seres, ou phenomenos bemfazejos—o rio refrigerante, o cão fiel e caçador, a nuvem regando as plantas, o solaquecendo e vivificando tudo, recebiam culto e orações pelos favores innumerados que prestavam ao mísero *bípede* habitante da terra.

O homem selvagem, como a criança ainda hoje, attribuia a todos esses seres uma ventade, analoga, mas superior, á sua, e, assim, appareceu o anthropomorphismo contendo o germen de toda religião futura,—o divino.

Com o correr dos tempos o sentimento religioso foi se transformando e complicando,—adoração a um Deus omnipotente, admiração da ordem da natureza, desejo de attingir o absoluto, esperança da felicidade eterna, terror das penas infernaes; mas, no fundo, o sentimento da nossa dependencia, representa sempre, o denominador commum de todos os phenomenos religiosos, essencialmente affectivos, instinctivos, estheticos.

O cão que se roja aos pés do dono inexoravel, o selvagem que se ajoelha ao ouvir a detonação de uma arma de fogo, a criança que acaricia sua interessante boneca, o europeu que se curva, humildemente, perante qualquer *salvador da patria* victorioso, praticam actos mais ou menos complexos, mas em todo o caso, perfeitamente religiosos.

A estatística avalia em mil o numero das religiões e seitas actuaes do globo e exhibe o seguinte quadro curiosissimo: (4)

-
- (2) E. Burnouf, *La Science des religions*.
 (3) A. Weber, *La Philosophie européenne*.
 (4) De Quatrefages *L'Espèce humaine*.

Christãos 490 milhões	catholicos	200 milhões
	protestantes	110 milhões
	gregos	80 milhões
	seitas div.	10 milhões
Não christãos 932 1/2 milhões	boudhistas	500 milhões
	brahmanes	150 "
	Mahometanos	80 "
	Israelitas	6 1/2 "
	religiões div. conhecidas	240 "
	religiões desconhecidas	19 "

Estos algarismos me estão suggerindo duas reflexões que não posso deixar de consignar quanto antes: 1.ª, á pretendida catholicidade do christianismo roman, hoje mais do que nunca se oppõe a solenne injuncção dos factos; 2.ª pela maxima catholica — *fora da igreja não ha salvação* mais de um bilhão de almas desceem diariamente ao fogo da eterna maldicção. Oh! Providencia! Quanto é profunda em tens designios!

Para distinguir os diversos estádios da evolução religiosa, é costuma dividir-os em feticchismo, polytheism e monotheismo.

Esta divisão é condemnada por Ch. Le Bon, porquanto os sentimentos que presidiram ás crengas feticchistas, presidiram, igualmente, ás crengas polytheistas. O monotheismo só existe no nome, sead raro encontrar-se uma pessoa que adore um só Deus: o christianismo, por exemplo, tem uma teinda de ro leada por semi-deuses, anjos, santos, etc. (5)

IV. Conhecidas a sciencia e a religião, é tempo de abordar a questão que me propuz elucidar. Para maior clareza da exposicção devô logo affirmar que os princípios fundamentaes da sciencia estão em completo antagonismo com os dogmas e ritos religiosos.

Na origem, a religião e a sciencia confundiam-se num todo homoganeo — como o sol e a terra no seio da nebulosa inicial. Do choque entre a *eu* e a *não eu*, isto é, dos embates do homem avassallado pela natureza ambiente, o mundo revestiu-se de uma poesia infantia e absorvente, tendo cada phenomeno uma alma, uma vontade, mensageiras da vida e dispensadoras da morte. A natureza é o objecto das religiões, mas não a natureza tal como nos apparece sob o ponto de vista da philosophia e da sciencia modernas. A natureza vista através da phantasia — eis a religião; estudada por meio dos processos da razão — eis a sciencia. Toda a historia das sciencias naturaes é uma lueta constante entre o espirito analytico e a mythologia primitiva. Ha no espirito sciencifico, nuz Tobias Barreto, uma tendencia irresistivel para despir os phe-

(5) Ch. Le Bon, *L'Homme et les sociétés*.

nomenos, o que vale dizer, para despir o mundo inteiro que é um grande phenomeno colectivo, daquella roupagem postica em que a imaginação costuma envolvê-los.

No dia em que um pensador antigo sustentou que, *si os bois fizessem deuses, lhes dariam a fórma de bois*, a sciencia divorciou-se de sua irmã mais velha e deixou-a a perder de vista nos nevoeiros do ideal. Data do seculo de Solon essa grande revolução mental, cujo desenvolvimento, paradas, ta-teios, não me é licito explanar neste artigo.

Impossível me seria fazer um confronto minucioso entre as idéas scientificas e as doutrinas religiosas: não tenho competencia, nem espaço, nem tempo para tão vasta empresa. Entre as mil religiões do globo, destacam-se as chamadas monotheistas—o christianismo, o judaismo, o mahometismo, o brahmanismo e o buddhismo. Ainda assim, vejo-me forçado a circumscrever, cada vez mais, o circulo das minhas idéas. Tomarei, apenas, o christianismo, principalmente uma de suas fórmas— a catholica romana. Não que as outras religiões me mereçam menos, mas porque, além do que já disse como escusa, o catholicismo é a que mais interessa aos leitores brasileiros e a que tem levado mais longe as suas exigencias, fazendo-as triumphar, muita vez, pelo apoio do poder civil. De algumas sciencias aproveitarei um, ou mais principios inconcussos, dando-lhes mais ou menos desenvolvimento no estudo comparativo que urge encetar.

V.—Primeiramente, as duas leis mais geraes, mais altas e imponentes das sciencias, dominadoras de todas ellas, as duas leis supremas da natureza: a lei da gravitação e o principio da conservação da fôrça,

Chama-se gravitação universal a tendencia de todos os planetas a cahir para o centro do sol, a tendencia de todos os satellites a dirigir-se para os seus respectivos planetas, a tendencia de todos os corpos para cada planeta em que se acham, sempre que nenhum obstaculo se lhes oppõe. Exprime-se por esta fórmula: *A materia attrahê a materia na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias.*

A descoberta dessa lei universal, por Isaac Newton, elevou-o pelo pensamento acima do genero humano, como já o disse alguém, phrase que lembra o culto religioso dos grandes homens.

Galileu e Newton passam por ter estabelecido a lei da persistencia, ou conservação da fôrça *mecânica*: si uma bola de bilhar toca uma outra, pondo-a em movimento, a fôrça transmittida á segunda bola é, exactamente, a fôrça que a primeira perdeu. Ultimamente se tem admittido que o mesmo succede com outras fôrças—o calor, a luz, a electricidade, a fôrça nervosa, que nunca se perdem, podendo, apenas, converter-se reciprocamente.

Ellas não pódem ser creadas nem destruidas. No começo do seculo passado Lavoisier demonstrou a mesma these com relação á materia, da qual nem um átomo pode ser de-

struido, ou creado. Em summa, *na natureza, nada se perde; nada se cria.*

Estas duas grandes leis, bem como todas as outras e o proprio raciocinio por inducção, fundam-se no principio da uniformidade da natureza, que tem sido expresso dos seguintes modos: «A natureza repete-se», «o futuro semelha-se ao presente», «o que está ausente, semelha-se ao que está presente», «o universo é governado por leis».

Pergunto, agora: que ha ahí de commum com as idéas e praticas religiosas? Onde o tão a pregado accôrdo?

Ao contrario, os principios expostos, rigorosamente scientificos, são laminas terriveis contra ascrenças mais genuinas da religião. Como conciliar as leis supra, irrevogaveis e eternas, com a criação *ex nihilo*, com a divina providencia a cujo capricho e bel prazer dirigimos os nossos votos e as nossas lamentações? E a adoração das medalhas, imagens, symbolos, fetiches? As procissões para fazer cahir chuvas, as preces para combater as grandes epidemias? Emfim, todos os milagres, desde a criação e a parada do sol e da lua até ás virtudes therapeuticas do popular S. Braz?

Confesso, sinceramente, a minha fraqueza: nunca pude comprehender como se poderiam conciliar coisas tão profundamente repugnantes.

VI.—Voltando á classificacão de Augusto Comte, convem notar que elle a baseou na chamada *lei dos tres estados*—theologico, metaphysico e positivo, segundo a ordem da complexidade crescente e da generalidade decrescente: a menos complexa das sciencias, a mais simples, è, tambem, a mais geral de todas. Por isso, as mathematicas sahiram muito cedo do estado theologico, isto è, libertaram-se das influencias sobrenaturaes, ao passo que a ultima da classificacão, a sociologia, a mais complexa e mais moderna, apenas começa a reger-se pelas leis do mecanismo universal e ainda luta heroicamente contra o divino, que se lhe agarra com a ancia de naufrago em pleno mar.

No entanto, o christianismo apresenta um specimen bem significativo do *theologismo mathematico*. Eil-o: a sciencia dos numeros diz peremptoriamente: $3 \times 1 = 3$, mas a religião contrapõe-lhe sizudamente a fórmula opposta: $3 \times 1 = 1$. Quem souber as duas operações fundamentaes da arithmetica, responda si póde haver accôrdo entre essas duas egualdades.

Nem se julgue que se trata de uma questão de somenos importancia. A historia das heresias europeas ahí está mostrando quantas luctas e desgraças se deram por causa desse conflicto entre a mathematica e o christianismo. Foi Arius quem primeiro protestou contra o absurdo christão, levantando terrivel discordia no seio da igreja de Alexandria, onde se reuniu, logo, um concilio que condemnou o famoso here-siarcha. Não obstante, Arius continuou a prégar sua doutrina contra a opinião do bispo de Alexandria, pelo que se fez

necessaria a intervenção do imperador Constantino, já convertido á nova religião.

A principio, Constantino não fez grande caso da controvérsia e escreveu aos dois contendôres que «tratassem de compôr ás suas querelas, pois loucura era brigarem por coisas de nenhuma importancia que elles mesmos não entendiam».

A questão tornou-se, todavia, tão grave, que afinal o imperador fez reunir um concílio (325) e redigiu a celebre profissão de fé conhecida pelo nome de *Symbolo de Nicca*. Nem por isso o arianismo desapareceu; ao contrario, fez milhares de proselytos, propagou-se pelo sul da Hespanha e das Gallias e a sua historia registra luctas sangrentas que elle sustentou contra papas, bispos e reis.

Nestorius e Mehemet tambem pôdem ser considerados como protéstantes do dogma catholico e tod's sabem quanto estes grandes homens influiram nos destinos da humanidade.

E' verdade que a questão da santissima trindade envolvia-se num enxame de subtilezas sophisticas; mas no fundo não passava de um conflicto entre uma fórmula de arithmetica elementar e um absurdo theologico.

VII.—A astronomia tem sido em todos os tempos e lugares o mais largo campo das phantasias religiosas. A descoberta que se fez no seculo passado dos antigos livros sagrados dos Aryas, habitantes do planalto central da Asia e tronco da grande e nobre raça indo-européa, suggeriu a diversos linguistas modernos a idéa de que todos os deuses foram primitivamente as causas e phenomenos astronomicos personificados pela imaginação ajudada pelas analogias da palavra (metaphoras). Os Vedas, o Avesta, Homero e Hesiodo tornaram-se fecundos mananciaes para a sciencia das religiões.

O que não soffre duvida é que a palavra Deus (*Theos, Zeus—Jupiter*) deriva-se do sanscripto *Dyaus*, que significava o céu luminoso, como *Dies*, o dia.

E' tambem indubitavel que as divindades arianas constituem verdadeiros mythos cosmicos, personificando o céu, o sol, a lua, o fogo, etc.

Mas concluir-se dahi que é esta a unica origem dos deuses, ninguém pôde admitil-o razoavelmente deante dos factos.

De todas as religiões (vivas e mortas) que tei ho podido estudar, a dos Aryas é, a meu ver, a mais bella e verdadeira. Concepção naturalista do mundo, a divindade é o proprio céu luminoso, o objecto mais digno das aspirações humanas, dos vagos anseios da phantasia á busca do ideal.

VIII.—O espectáculo mais grandioso que é dado ao espirito humano contemplar é o que nos apresenta a vasta amplitude do céu, tanto quando o sol derrama pelo espaço a sua deslumbrante chuva de luz, como quando esconde seu disco radioso nas brumas melancholicas do occidente. Segundo o testemunho dos sentidos, affigura-se-nos uma abobada azulada cobrindo convexa e circularmente a face da terra, enriquecida durante a noite por myriades de pontos brilhantes,

presos a uma placa de crystal, a que os antigos dêram o nome expressivo de firmamento.

A terra apresenta-se como uma superficie immovel no centro do universo, cercada por abyssos de trevas. Estas intuições, fundadas unicamente nas apparencias, fizeram partes, *mutatis mutandis*, de todos os systemas astronomicos do passado. As religiões, chegadas a um certo grau de desenvolvimento, as acceitaram, conferindo-lhes a autoridade da propria revolução divina e collocando por cima da abobada celeste a mansão das recompensas depois da morte como no fundo da terra, *in inferis*, a residencia tenebrosa dos condemnados.

Muitos passos da Biblia reconhecem a immobilidade da terra, apoiada sobre alicerces, e os limites do céu, figurado como um pavilhão sobre nossas cabeças. (6)

Ptolomeu, astrónomo do II seculo da era vulgar, systematizou estas idéas em uma obra celebre conhecida com o titulo de *Almagesto*, que prevaleceu durante mais de 1500 annos e só foi substituida pelos *Principios* de Newton.

A igreja, em pleno florescimento na idade media, depositaria das verdades divinas, infallivel pela propria inspiração do Espirito Santo, dormiu somno profundo sobre a obra de Ptolomeu e só despertou pelo sopro calido da rajada scientifica para perseguir os pioneiros do futuro, cuidando suffocar o espirito novo por meio dos carcereas e fogueiras da inquisição.

Vencida pela sciencia, depois de uma obstinação feroz, ella volta-se para a Biblia, onde procura encontrar argumentos em favor da theoria heliocentrica. *The devil can cite scripture for his purpose*, disse o grande tragico inglez. (7)

Em nome da liberdade de consciencia, exclamava um astrónomo contemporaneo, em nome da humanidade, em nome do progresso, pedimos à Italia que eleve antes do fim do seculo dezenove - duas estatuas no seio da cidade de Roma, uma na praça de Minerva: Galileu de joelhos, com a mão em cima dos evangelhos, renunciando à heresia do movimento da terra; a outra no campo de Flora: Giordano Bruno em cima da fogueira, espiando o crime de crer na vida eterna do infinito. (8)

Perante a sciencia moderna, a terra é um *astro do céu*, joguete das forças cosmicas, isolado completamente por todos os lados, balouçando no espaço e gyrando em torno do sol com uma velocidade vertiginosa. O sol é uma estrella correndo no abyssmo insondavel na direcção da constellação de Hercules; as estrellas são outros tantos soes movimentada-

(6) Josué, cap. X, v. 12 e seg.; Ecclesiastes, cap. XVI, v. 5; Isaias, cap. XXVIII, v. 21, XLI, v. 22, XLVIII, v. 13; Psalmos, cap. CIII, v. 2, CXVIII, v. 90; Job, cap. XXXVIII, v. 4; Proverbios, cap. VIII, 29, XXX, 4.

(7) Shakespeare, *The Merchant of Venice*, act, 1.

(8) Flammarion, *As terras do céu*

dos e equilibrados pela gravitação universal. O universo é infinito; não tem alto, nem baixo, nem paraíso, nem inferno. As estrellas só nos parecem fixas pelas distancias enormes a que se acham de nós: a luz percorre 75:000 leguas por segundo e leva 4 annos e meio para vir á terra, partindo da Alpha do Centauro, o sol mais vizinho do nosso; gasta dez annos para vencer a distancia que nos separa de Sirius, a estrella mais brilhante do nosso firmamento; 36 annos para vir da estrella polar; mil annos, dez mil, cem mil, milhão de annos, para ir da via lactea ás ultimas nebulosas que o telescópio nos desvenda nos interstícios sideraes!!

«As nossas esperanças acerca da vida futura e a nossa concepção do Ente Supremo devem hoje em dia tomar uma outra fórma: empyreo, paraíso, purgatorio, inferno, limbos, desappareceram desde a invenção do telescópio; não ha outro céu sinão o espaço no meio do qual pairamos e não ha outros logares de moradas extra-terrestres sinão os astros que gravitam no infinito.» (9)

IX.—Um dos prejuizos mais queridos do christianismo, prejuizo que lhe domina toda a historia, é o que não admitte outra philosophia sinão a exegese dos Livros Santos, outro criterio da verdade de uma doutrina sinão a sua conformidade com a revelação consignada nas Escripturas.

Desde a *Apologia* de Tertuliano até os *Esplendores da Fé* do padre Moigno, a Biblia tem sido imposta ao espirito humano como a fonte de toda sabedoria, não sómente como um livro de moral e religião, mas tambem um manancial infallível das sciencias physicas e naturaes.

Si a palavra divina encerra um absurdo, isto é, uma proposição contraria aos sentidos e á razão, nem por isso devemos repudiá-la. O *credo quia absurdum* de Tertuliano está perfeitamente de accôrdo com o dogma do peccado original. O homem é um ser decahido; a razão em virtude da queda tornou-se mentirosa e incapaz de se elevar ás verdades superiores da revelação. Logo uma doutrina que a contradiz (uma doutrina absurda) é a que deve ser acceita como verdadeira.

Santo Agostinho, atormentado pelas objecções que se fazia a si mesmo, responde terminantemente:

«Isto excede o alcance da nossa intelligencia; nós não podemos comprehender, mas devemos crêr sem hesitação.» Ou ainda mais claro: «Eu não acreditaria no Evangelho sem a autoridade da igreja.» (10)

Tudo isto quer dizer simplesmente que a fé deve primar a razão.

Consequentemente, os primeiros christãos, logo que se tornaram poderosos pelo apoio do poder civil, queimaram a

(9) Flammation, *Op. cit.*

(10) *Apud* Louis Viardot, *Libre Examen.*

bibliotheca de Alexandria, assassinaram Hypathia, filha de Theon, mulher douta que ensinava mathematicas e philosophia, e perseguiram todos os espiritos desabusados que protestaram contra o dogmatismo incipiente.

Justiniano em 529, por edito, fechou as escolas pagãs e livres. Está fechado o cyclo da sabedoria antiga; começa a noite da idade media, medonhamente barbara e longa, em cujas espessas trevas se debate a sciencia, lançando por vezes tibias scintillas que hão de mais tarde produzir o incendio universal.

Depois de proscreever a funcção mais nobre do cerebro — a razão, o christianismo tentou supprimir a funcção mais importante do apparelho genital — o amor. A castidade é a virtude christã por excellencia, um estado angelico e sobrenatural. Christo foi celibatariô, Santo Origenes desfaz-se da sua virilidade por meio da amputação, S. Jeronymo mette-se nos desertos, S. Francisco de Assis acalma o fogo dos seus desejos na neve e no gelo. Alguns servem-se dos cilícios e jejuns que, aliás, produzem effeito contrario; outros comprimem a cintura para abafar a chamma devoradora.

Mas o instincto, mais poderoso do que todas as convenções religiosas, vingá-se ás vezes terrivelmente, irrompendo em impetos brutaes e arrastando na lama da devassidão os seus insensatos perseguidores!

Durante toda a idade media a razão e o amor estorcem-se como corças bravias nas roscas potentes da giboia ecclesiastica. Combate herculeo, muita vez banhado em sangue e envolto na escuridão dos carcerees e no fumo das fogueiras inquisitoriaes! A compressão da intelligencia deu em resultado essa philosophia hybrida e subtil que tomou o nome de *escolastica*; a compressão do amor produzia uma histeria geral, de character epidemico, que assolava cidades inteiras.

Mas ha no homem, diz Feuerbach, um pendor indestructivel para levantar e resolver questões, uma necessidade profunda de se desenvolver apesar de todos os obstaculos e a despeito de todas as circumstancias historicas ou exteriores em geral. (11)

E' por meio deste pendor irresistivel, contrario ao espirito do christianismo, que se explica a protecção dispensada ás letras profanas pelos monges no interior dos seus claustros, bem como o consorcio do catholicismo com o aristotelismo, as contradicções mais positivas e mais monstruosas que se podem imaginar.

Quando Benedicto de Nursia ordenou que se escrevessem livros e fizessem collecções delles nos conventos da sua ordem, elle entendia favorecer a instrucção nos principios exclusivos da sua igreja. Assim tambem os doutores, allian-do a philosophia á religião, não pensaram nos perigos de

(11) L. Feurbach *La Religion*.

tal alliança, que mais adeante havia de restaurar os direitos da razão.

«Adoptando como sua a philosophia de Aristoteles, a igreja servia-se do mais illustre dos pensadores para encadear o pensamento.» Engano completo que lhe acarretou amargos dissabores!

A igreja cedeu á pressão exterior, ao espirito mundano, tolerando as exigencias da razão como favorecendo o aguilhão da carne.

O estudo, o cultivo da literatura profana, lhe é desnecessario sinão inteiramente nocivo: a verdade está na Biblia, fóra della, nada resta a investigar. E' como o exm. sr. bispo do Ceará cultivando ha poucos annos pathologia contra o padre Cicero: s.ex. poz-se fóra do espirito da igreja. E' um erro, pois, dizer que na questão dos milagres do Juazeiro a religião venceu a sciencia; pois o contrario é que é a verdade. Pouco importa que a sciencia se tenha feito ouvir pelo verbo do illustre prelado, oppondo-se ao diagnostico de um medico ignorante. Houve apenas uma troca de papeis: o medico tomou o partido da igreja e o bispo falou em nome da sciencia.

Luthero, o terrivel fraile que arrancou metade da Europa ao jugo *indulgente* de Roma, que restabeleceu em parte os direitos da natureza combatendo o celibato clerical, Luthero commetteu a enorme inconsequencia de invocar o livre exame individual para submeter a razão humana ao dogmatismo biblico, desconhecendo as pretensões justas e elevadas da intelligencia.

«Si não queres, disse elle a proposito da resurreição e da redempção, si não queres conceder mais confiança á palavra da Escriptura do que ao *teu sentimento, aos teus olhos, aos teus sentidos e ao teu coração*, então debes perecer e é impossivel prestar-te qualquer soccorro. Contra tudo o que os sentidos experimentam e ensinam, nós devemos nos ater firmemente á palavra e nos dirigir segundo ella, mesmo quando *vemos com os olhos* que o cadaver inhumado apodrece para ser pasto dos vermes. A Escriptura vale mais do que todos os pensamentos do homem, do que o seu sentimento e a sua experiencia.» No mesmo sentido opinaram Calvino e os outros theologos da Reforma. (12)

Só a sciencia collinou a emancipação total do homem do jugo ecclesiastico.

Ha uma epoca celebre na historia da philosophia: é a *Renascença*, que abrange seculo e meio; encerra o cyclo da idade media e abre as portas do mundo moderno. Começa em 1453, quando Constantinopla cahiu sob o poder de Mahomet II. Muitos gregos illustrados emigraram da patria para Florença que se tornou na Europa o principal fóco de luzes. O estudo das sciencias e artes gregas, superiores, a muitos

(12) *Apud* Louis Feurbach, *Op. Cit.*

respeitos, á doutrina catholica, fez descobrir a filiação entre os povos occidentaes e a antiguidade pagã, dissipando pouco a pouco o prejuizo de que *lãra da igreja não ha salvação, nem civilização real, nem religião, nem moralidade*. Em summa, fez-se a descoberta da *humanidade* pelos conhecimentos historicos sobre a civilização européa. Chamavam-se humanistas aquelles individuos que se davão ao cultivo das letras profanas, por opposição aos theologos deliciaados nos estudos das coisas sagradas.

Até então, o homem só conhecia um pequeno salão da casa que habitava: a bôcca do Mediterraneo, o sudoest da Asia augmentado com um pouco da Europa septentrional.

Christovam Colombo descobre a America. Vasco da Gama dobra o cabo da Boa Esperança. Magalhães faz a volta do mundo. Mas a descoberta de maior alcance, a que produziu maior ruido e a mais fecunda em consequencias, foi a do movimento da terra em torno do sol, provado com argumentos novos, mathematicos, irrecusaveis.

Ruem por terra todos os castellos ideaes da phantasia; o universo alarga-se indefinidamente, *spheram cujus centrum ubique est, circumferentia vero nusquam*; a engrenagem social e religiosa começa a desmoronar-se; a Biblia é apanhada em erro flagrante; desaparece a antithese antiquissima entre a terra e o céu; não ha mais *alto* nem *baixo*; vão-se os deuses; a igreja é fallivel; a sciencia toma a deanteira na evolução da humanidade.

X.—Já mostrei quaes as idéas da Biblia a respeito do céu e da terra, em completo antagonismo com a astronomia moderna depois das *Revoluções celestes* de Copernico (1543).

Vou frisar outros pontos para illustrar a these que estou discutindo.

Abra-se qualquer tratado de astronomia depois de Kant e Laplace e veja-se como se explica a origem e formação dos mundos, inclusive o planeta que habitamos. Uma vasta agglomeração de materia *gozosa*, comprehendendo mais do espaço occupado actualmente por todo o systema planetario, movendo-se e condensando-se por força da gravitação—eis o embrião cosmico do sol e dos planetas. A terra foi um dos ultimos nacos da nebulosa, da qual desprende-se pela força centrifuga, quando já o sol era um immenso corpo luminoso e os outros planetas (excepto Venus e Mercurio, que nasceram posteriormente) brilhavam com luz propria em redor do centro commum de attracção. O nosso pequeno astro foi tambem a principio um corpo luminoso, um solzinho de infima grandeza, que com o correr das eras se solidificou e tornou-se opaco, guarnecido por uma crosta dura contendo o interior ainda em estado igneo, que os vulcões patenteiam como verdadeiras chaminés da fornalha tellurica.

Tudo isto e muito mais ainda que a sciencia diz acerca do assumpto está tão distante da criação biblica como a historia moderna o está dos contos de fadas ou das *Mil e uma*

noites. Segundo o *Genesis*, a terra foi creada no mesmo instante que o céu, muito antes do sol e das estrellas. Sobre os planetas nem uma palavra, porque nesses bons tempos elles não se distinguiam ainda das verdadeiras estrellas. E Deus creou também a luz, que é um phenomeno subjectivo, antes do organ visual e do cerebro, creou o firmamento que não passa de uma illusão da nossa vista e poz o firmamento no meio das aguas e creou as plantas antes dos dois luminares destinados a alumiar a terra, base e objectivo de toda a creação.

Basta sobre a origem dos mundos, questão que abordei como quem entra em terreno sagrado: cheio de humildade e compunção.

XI.—A redondeza da terra é, ha muito, uma verdade inconcussa. Os navegantes têm feito mil vezes a volta do mundo; os astrónomos já lhe determinaram os contornos, mediram-lhe o diametro e a superficie; reconheceram-lhe a intumescencia do equador e o achatamento dos polos.

Vejamos como a descoberta desta verdade foi acolhida pela igreja.

E' sabido que Colombo, o descobridor da America, viajou pela Europa durante alguns annos, á procura de meios para emprehender a sua grande viagem no intuito de chegar ás Indias pelo occidente da Europa. O immortal genovez fundava o seu plano na redondeza do globo, hypothese já sustentada por alguns philosophos gregos e romanos, por geographos e astrónomos arabes e entrevista por Dante Alighieri na sua *Divina Comedia*. No entanto, a idéa de Colombo foi repudiada geralmente «porque a idade media influenciava-se com as interpretações e a letra da Biblia e com as doutrinas apregoadas pelos padres doutos da igreja catholica». (13)

Um concilio composto de bispos, frades e lentes da Universidade de Salamanca, condemnou-a por contraria á revelação e ao ensino accorde de todos os commentadores e theologos como S. Bazilio, S. Jeronymo, Santo Athanasio, Santo Ambrosio, S. Gregorio e Santo Agostinho!! Eis ali uma esplendida lição de sabedoria biblica!!

XII.—A historia dos cometas e dos eclipses, desde os tempos selvagens até ao momento em que a sciencia arrancou estes phenomenos celestes ao poder terrivel dos deuses e os submetteu a leis inmutaveis e serenas, historia cheia de luctas e pavores imaginarios, daria volumes de esclarecimentos relativos á evolução do espirito humano.

Os cometas e eclipses foram, até bem pouco tempo, considerados como presagios de flagellos e calamidades publicas. Quando em 1456 appareceu o grande cometa designado posteriormente pelo nome de Halley, a Europa estremeceu sob o

(13) J. M. Pereira da Silva, *Christovam Colombo*.

perigo de grandes desgraças como a peste, a fome e a guerra. O papa Calixto III ordenou que se tocassem os sinos de todas as igrejas em uma hora certa do dia, no intuito de conjurar os effeitos da colera divina! Esta ordem tornou-se um costume geral na igreja, o qual ainda hoje perdura: é o toque das *Ave-Marias*. Muita gente reza e tira o chapéu ao ouvir o signal plangente do campanario; mas ignora-lhe inteiramente a origem e a significação actual.

Em 1680, Halley auxiliado pelos trabalhos de Newton, descobriu a orbita deste cometa, determinou o tempo de sua reaparição (1759) e os terrores do povo foram se dissipando sem a intervenção divina dos infalliveis successores de S. Pedro.

Grandes são os astrónomos, exclamava Plinio! Collocados acima dos mortaes ordinarios, elles têm libertado o miseravel erpírito humano do terror que sentiam ante o aspecto dos eclipses e dos cometas, mensageiros da desolação e da morte!

XIII.—Como todos os bachareis formados em direito nas Academias brazileiras, não tenho conhecimentos especiaes de physica e chimica, posto que já diversas vezes tenha compulsado manuaes destas duas sciencias.

Contento-me com as leis que citei em principio, descobertas por eminentes profissionaes, glorias do genero humano: —a gravitação universal, a equivalencia das forças e a uniformidade da natureza, que são profundamente, soberanamente irreligiosas.

Eu já disse algures que a religião é um legado dos tempos selvagens da humanidade. Começou pela divinização dos seres da natureza, a quem se davam attributos humanos e a quem se dispensavam honras e sacrificios. Esse estado mental, que Guyau estuda sob o nome de *physica religiosa*, não se manifesta sómente no *fetichismo* e no *sabeismo*, mas continúa a fazer parte do sentimento religioso em todos os graus da cultura humana. (14)

Pergunta o grande philosopho brazileiro: «O selvagem que *transubstancia* uma pedra em divindade está muitissimo distante do catholico hodierno que *transubstancia* o pão e vinho no corpo e sangue de um Deus? É difficil affirmal-o. Aqui, bem como ali, é uma operação de physica religiosa.»

Tenho pressa em chegar á biologia.

XIV É o departamento do saber humano que maior progresso tem feito neste seculo. *Evolução* é a palavra que move o mundo depois das obras geniaes de Ch. Darwin que assentaram em bases solidas a theoria advinhada por diversos philosophos gregos (Anaximandro, Empedocles, Anaxagoras e Democrito), desenvolvida por alguns pensadores do seculo XVIII (Diderot e d'Holbach) e ulteriormente por Lamarck, Geoffroy Saint-Hilaire, Goethe e Kant.

A *Origem das Especies* de Darwin (1859) fez *epoca* na historia do mundo como as *Revoluções Celestes* de Copernico

(14) Tobias Barteto, *Questões vigentes*.

(1543): uma destruiu o *erro geocentrico* que consistia em collocar a terra no centro do universo; a outra combateu o erro *anthropocentrico*, que considerava o homem como base e objectivo de toda a criação; ambas aniquilaram a *finalidade* da natureza, submettendo todos os phenomenos a leis mecanicas, ao dominio da causalidade efficiente, ao monismo da materia.

A theoria da evolução, como explica E. Hæckel, sustenta que existe na natureza um grande *processus* evolutivo, uno, continuo e eterno, e que todos os phenomenos, sem excepção, desde o movimento dos corpos celestes e a queda de uma pedra até o crescimento das plantas e a consciencia do homem, acontecem por virtude de uma unica e mesma lei de causalidade; em summa, tudo é reductivel á mecanica dos atomos. (15) Darwin, investigando o *processus* que deu em resultado as especies zoologicas actuaes, descobriu os principios reguladores das fórmas organicas terrestres. O homem, o boi, como o carvalho e a palmeira, surgiram por via de transformações successivas; cada organismo complexo deriva-se de outros organismos menos complexos e assim até aos mais simples—as cellulas primordiaes e o protoplasma. Essas transformações successivas são regidas pela *selecção natural* consequencia da *lucta pela vida* agindo sobre a *herança* e a *adaptação*. A *creação-milagre*, qual a enunciam os dois primeiros capitulos do Genesis, recuou para os confins do mundo organico deante do darwinismo, como o paraizo superposto ás esferas celestes fugiu pavidamente ao alcance do telescopio. As especies, tanto animaes como vegetaes, não foram *creadas*, mas são as resultantes de forças mecanicas agindo sem plano, nem intuito algum, divino ou humano. O homem, mesmo, o *mais perfeito dos animaes*, o *rei da criação*, descende de formas inferiores: é proximo parente dos grandes simios—gorilla, chimpazê orangegibbon, chamados *anthropoides* ou *antropomorphos*. A nossa vaidade oppõe-se a esse parentesco, porque o macaco é uma caricatura, ua mascara de cretino ou idiota. Si nos fizessem descender do leão ou da roseira, diz Weber, nenhuma repugnancia experimentaríamos. Entretanto, coisa admiravel! não nos envergonha a origem que nos dá a narração biblica, que faz sahir nossa especie do *barro da terra*, origem muito mais humilhante ainda, visto a enorme distancia que separa um pedaço de barro de um ser organizado, e de uma organização tão elevada como a do macaco. (16) Si é irreligiosa, pondera Darwin, a origem do homem como especie distincta, descendendo de uma forma inferior, em virtude das leis da variação e da selecção natural, não o são menos a formação e o nascimento do individuo pelas leis da reproducção ordinaria. (17)

(15) E. Hæckel, *Les preuves du transformisme*.

(16) Alf. Weber, *La philosophie européenne*.

(17) Ch. Darwin, *La descendance de l'homme*.

Haeckel formulou a lei fundamental da evolução orgânica, a lei suprema da biologia. Elle mesmo a exprimiu em latim: — *ontogenia est summaria phylogenesis, tanto integrum quanto hereditate pallogenesis consecratur*. A ontogenese que é a história do desenvolvimento do indivíduo, é uma recapitulação summaria da phylogenese que é a história do desenvolvimento da especie ou das diferentes formas por que esta passou no decurso das edades. Em proprios termos: — A serie das formas pelas quaes passa o organismo individual, a partir da cellula primordial até ao seu pleno desenvolvimento, não é sinão uma repetição em miniatura da longa serie de transformações soffridas pelos antepassados do mesmo organismo desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. (18) Qualquer organo, qualquer função do indivíduo, só podem ser perfeitamente conhecidos pelo estudo comparativo do organo e função correspondentes nos seres inferiores. O embrião humano, por exemplo, repete os diversos estadios de animalidade que percorreu a natureza antes de chegar ao *homo sapiens* de Linné. Começa por uma simples cellula, donde se conclue a existencia de um antepassado monocellular do genero humano — o amibo, e passando pelas diversas phases dos vertebrados, inclusive o quadrupede caudato, attinge o ultimo elo da cadeia evolutiva — o homem propriamente dito. A embriogenia é uma das provas mais irrefragaveis do transformismo darwinico.

As sciencias são as partes de um mesmo todo — o conhecimento do universo; constituem um systema, cujas divisões se influem e completam reciprocamente. Cada passo avante dado por uma dellas, impulsiona mais ou menos todas as outras e o mecanismo total move-se na direcção do futuro, para a conquista da felicidade pela submissão da natureza ao poder do homem. Assim, a theoria da descendencia formulada por Darwin na esphera da zoologia, repercutiu em todos os ramos do saber e o transformismo universal é o lemma omnipotente do pensamento moderno. Deve-se agora completar o antigo aphorismo scientifico: — Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. A sciencia, em qualquer das suas formas, pôde repetir, d'ora em diante, a celebre phrase de Laplace a Napoleão, a quem explicava a sua *Mechanica Celeste*: — Mas no vosso systema, perguntou-lhe o imperador, que fazeis de Deus? — Oh! respondeu o astronomo, Deus é uma hypothese, de que não tenho necessidade. (19)

(Continúa)

Hygino Cunha

(18) É Haeckel: *Anthropogenie*. Tobias Barreto, Op. cit. Nesta obra, Tobias oppõe-se ao monismo naturalistico do sabio de Jena e faz largas concessões ao idealismo allemão, sustentando as *causas finaes*.

(19) L. Viardot: *Op. cit.*

NUMEROS INCOMMENSURAVEIS

Cependant, le domaine de l'arithmétique est plus étendu qu'on ne le suppose communément, car beaucoup de questions, traitées comme incidentes au milieu d'un ensemble de recherches analytiques, sont vraiment arithmétiques, puis qu'elles consistent en des évaluations.

A. Comte.

Para os meus distinctos mestres Antonino Freire e Casusa Avellino—como lembrança de minha passagem pelo Lyceu Piahyense.

I

Antes que tratemos do que encima estas linhas, seja-nos licito dizer algo, em ligeiros traços, quanto ao historico da Mathematica e de seu papel no destino dos povos.

A sua primeira phase, envolve-a o denso manto das primicias eras. Vagos e incertos foram os primeiros passos do espirito humano. Como, porém, todo conhecimento do espirito está na razão directa do meio e da luta emprehendida para o equilibrio da vida,—è de crer que os Chaldeus, na sua vida contemplativa, observando as constellações e o movimento dos astros, registrassem conhecimentos empiricos de Astronomia. Já os Phenicios, sulcando os mares, expandindo as relações commerciaes, se dedicavam á Arithmetica. Os Egypcios, abrindo canaes para que as aguas fecundantes do

COPY "AMBIGUO DIBITO"
(Bibliolibrary Publica)
72 11 11

rio sagrado, o Nilo, banhassem as terras, cultivavam a Geometria. Assim, foram sendo adquiridos os primeiros conhecimentos de *numero, tempo e espaço*.

Hoje a phalange dos immortaes forma uma espiral immensa: a sua primeira helice confunde-se na poeira dos tempos, ascendendo, ora lentamente, ora com surtos agigantados, sublimes. Mesmo, nesse evoluir lento, quasi imperceptivel, nunca o erro foi tomado por verdade, como pondera Montucla na sua Historia das Mathematicas.

As famosas escolas da velha Grecia, grande foco de irradiação do saber humano,—impulsionaram o evoluir da *sciencia sublime*. Thales, Pythagoras, Nicomedio, Euclides, Archimedes, Apollonio, Diophante deixaram sulcos de luz na trajectoria da Mathematica.

A Algebra, na sua phase inicial confunde-se com a Arithmetica. Euclides trata das primeiras noções; Diophante, o indiano Brahmegupta, o arabe Hoamed—bem Musa desenvolvem essas noções. A gloria de ter fundado a Algebra moderna, convem assignalar, cabe a Viète, mathematico francez que floresceu no XVI seculo. A Algebra è um rebento novo e vigoroso da *grande arvore*.

O XVII seculo marca a phase de oiro do evoluir da *sciencia das sciencias*. Galileu, Descartes, Fermat, Pascal, Wallis, Newton e Leibnitz—são estrellas de primeira grandeza cujas scintillações fecundam a historia do progresso da Humanidade.

Euler, D'Alembert, Clairaut, Condorcet, Lagrange, Laplace são os apostolos proeminentes e dignos continuadores do *grande edificio*. E, finalmente, no XIX seculo o grande Augusto Comte synthetiza admiravelmente todo esse precioso e vasto cabedal.

II

A Mathematica è a gymnastica do pensamento, que conduz á verdadeira logica, E' o factor maximo da civilisação.

Já cinco seculos antes de Christo, affirmava Pythagoras que a Mathematica era a base de todos os conhecimentos humanos. Platão excluia de suas lições aquelles que não tinham conhecimentos dessa sciencia. Spencer, profundo pensador, preconisa que o estudo d' Arithmetica occupe lugar de destaque no ensino primario para que os alumnos apprendam a raciocinar com precisão, clareza e methodo.

Hoje todos os países progressistas, fortes, conscios de sua missão, diffundem o ensino de Mathematica elementar pelas camadas sociaes. Os Estados Unidos, a Allemanha, a França o attestam exuberantemente.

Quem mostra-se incompatível com o estudo de Mathematica, põe em evidencia possuir um cerebro acanhado, pouco desenvolvido ou affectado de alguma lesão. E' certo que muitas vezes essa falta de aptidão é consequencia de um estudo mal dirigido ou dum methodo imperfeito de ensino.

Em summa, a Mathematica é o thermometro que marca o grau de instrucção de um povo consciente e a sua capacidade physica e intellectual.

Nenhum exaggero ha nestas affirmativas. E' a logica dos factos,

III

Numeros incommensuraveis, no sentido restricto de numero, é um absurdo, uma *heresia mathematica*, qual a de Copernico e Galileu,—em face dos preconceitos religiosos daquelles tempos tenebrosos da Inquisição. O grande D'Alembert faz ver que *numero presuppõe designação exacta e precisa*.

Explanemos o assumpto.

Tudo que existe é uma grandeza. Quantidade chama-se mais propriamente a uma grandeza avaliada. As grandezas dividem-se em mensuraveis e immensuraveis; commensuraveis e incommensuraveis.

Mensuraveis são as que podem ser medidas: o tempo, a temperatura, o movimento, o comprimento, a superficie, o volume e o peso dos corpos, etc. Quando as grandezas escapam á nossa apreciação por não dispormos de uma unidade adequada ou por não terem essas grandezas os limites necessarios aos conhecimentos humanos—dizemos que são immensuraveis. Assim a dor, todo esse espaço infinito, a intelligencia, a virtude, o amor, etc—são immensuraveis. A dor physica, por exemplo, não podemos medir-a, visto não dispormos d'uma unidade propria para isso; o espaço, esse chaos que abrange tudo, visto não ter os limites precisos aos actuaes conhecimentos da sciencia. Medimos parcelas delle: a distancia do sol a terra, por exemplo. Isto, porque dispomos de dois pontos que limitam a extensão de uma linha.

Convem assignalar que algumas grandezas já foram immensuraveis ao espirito humano e hoje não o são mais, taes como: a temperatura, o peso do ar, a electricidade, que são apreciadas exacta e scientificamente pelo thermometro, barometro e electrometro.

As grandezas moraes, ou antes, abstractas (virtude, intelligencia, amor, etc) não são do dominio da Mathematica, sciencia genuinamente positiva. Sò a Psychologia pode analysar e avaliar essas grandezas com um certo coefficiente de verdade.

Quando medimos as grandezas mensuráveis (mathematicas), acontece que, ás vezes, a unidade tomada para termo de comparação se contem uma, duas, tres... vezes exactamente exactamente, as suas partes aliquotas, se contem, isto é, a grandeza é um multiplo de uma parte aliquota da unidade. A grandeza, em todos os dois casos, é commensuravel, porque tem medida commum com a unidade, sendo, no primeiro caso, a relação entre a grandeza e a unidade expressa por um numero inteiro, e no segundo, por um numero fraccionario. Mas, outras vezes, a unidade não se contem exactamente na grandeza nem as suas partes aliquotas por menores que sejam estas. Resulta que a unidade tomada para termo de comparação e a grandeza não tem medida commum, portanto não ha uma relação exacta entre ellas. E', neste caso, a grandeza incommensuravel.

Si mudarmos de unidade, podemos achar uma relação exacta entre a nova unidade e a grandeza em questão. Assim, pode acontecer que uma grandeza que era incommensuravel com certa unidade, deixe de o ser, tomando-se outra para termo de comparação.

Si pudessemos medir todas as grandezas com unidades directas, claro está que não existiriam grandezas incommensuráveis. Mas, esse processo, que consiste em superposições, da unidade na grandeza, é empirico e puramente mechanic. Tal processo não pode ser applicado nem na mais simples de todas as figuras geometricas—a linha recta, das posições que esta linha pode occupar. A Mathematica tem de empregar medidas indirectas e raciocinios complexos que poem claramente em evidencia a sua elevada missão no aperfeiçoamento da Humanidade.

No seu estylo claro e preciso, Augusto Comte explana bem este ponto. Ouçamos o grande mestre:

«Pour rectifier cette vue, remarquons un fait général; facile a constater, c'est que la mesure *directe* d'une grandeur est souvent une opération impossible; de sorte que si nous ne possédions pas d'autre moyen pour déterminer la grandeur que les comparaisons immédiates, il nous faudrait renoncer à la trouver. Rarement même pouvons-nous mesurer une ligne droite par une autre ligne droite, et c'est cependant la plus simple de toutes les mesures. La première condition, pour cela, est de pouvoir parcourir la ligne de un bout à l'autre, et cette condition n'est pas remplie pour la plupart des distances qui nous intéressent le plus. Elle ne l'est ni pour mesurer la distance des corps célestes entre eux, ni pour éva-

luer celle de la terre à quelque autre corps céleste, ni même pour déterminer le plus grande nombre des distances terrestres. De plus, la longueur ne doit pas être trop grande ou trop petite, et il faut qu'elle soit convenablement située; telle ligne encore qui serait facilement mesurée si elle était horizontale, dont la mesure deviendra impossible, si la ligne est verticale.

.....
 Si l'on rencontre de si grandes difficultés pour la mesure des lignes, l'embarras est encore plus grand quand il s'agit de surfaces, de volumes, de vitesses, de temps, de forces, etc., et, en général, de toutes les grandeurs susceptibles d'être calculées, et qui, par leur nature, présentent encore plus d'obstacles à une mesure immédiate.» (1)

Assim, frequentemente temos que empregar a *medida indirecta*, verdadeira origem das grandezas incommensuráveis.

Estamos no *pivot* do assumpto.

Não tendo, figuremos, em nenhuma hypothese, a grandeza medida commum com a unidade, e, si tomarmos a accepção restricta de numero, o que exprime a relação exacta da grandeza com a unidade, concluiremos que as relações incommensuráveis não são numeros, porque não exprimem o valor exacto da grandeza. Mas, podemos recorrer a um processo de ordem um pouco mais elevada, modificando a accepção primitiva de *numero*.

Exemplifiquemos. Si medirmos a diagonal dum quadro, tomando por unidade um de seus lados, a relação é expressa pelo symbolo $\sqrt{2}$, isto é, a diagonal do quadrado esta para um de seus lados como a raiz quadrada de 2 está para a unidade. Ora, vemos que não existe nenhum numero que multiplicado por si mesmo reproduza 2. Podemos, porem, ter aproximações successivas por defeito e por excesso, taes como:

$$\begin{aligned} 1,4 < \sqrt{2} < 1,5 \\ 1,41 < \sqrt{2} < 1,42 \\ 1,414 < \sqrt{2} < 1,415 \\ 1,4142 < \sqrt{2} < 1,4143 \\ 1,41421 < \sqrt{2} < 1,41422 \end{aligned}$$

.....
 Por estas desigualdades, fica claro que o valor exacto da $\sqrt{2}$ acha-se entre dois numeros, e que a differença entre esses dois numeros é successivamente de:

(1) La Philosophie Positive, tome 1.^o pags. 39 e 40.

0,1
 0,01
 0,001
 0,0001
 0,00001

Assim, teremos approximações tão rigorosas que a relação da grandeza com a unidade é expressa com um erro quasi insensível, confundindo-se com zero, por assim dizer. Essas relações, portanto, se confundem com os numeros propriamente ditos e são denominadas *numeros incommensuraveis*.

Para reforçarmos o raciocinio aqui expendido, escutemos um dos grandes luminares da Mathematica, o immortal D'Alembert:

«D'aqui é facil concluir que, si as relações *incommensuraveis* são consideradas como *numeros*, é porque, si não são numeros propriamente ditos, nada falta, por assim dizer—para qu' o sejam, pois a differença entre uma dessas relações e um numero propriamente dito pode ser *tão pequena quanto se queira*.

«Demais, dois outros motivos nos levam a classificar as relações incommensuraveis entre os numeros:—o primeiro é que taes relações gosam de propriedades que lhes são communs com os numeros e podem ser, a muitos respeito, submettidas a calculos analogos aos numeros, como vamos ver,—e o segundo é que, querendo-se dar a palavra *numero* sentido mais extenso do que o que se lhe attribue ordinariamente e que em rigor abrange apenas os numeros inteiros e fraccionarios,—as relações incommensuraveis podem ser, então, comprehendidas nessa expressão... (2)

A maior parte dos autores definem *numeros incommensuraveis*—como sendo o resultado da comparação da grandeza com a unidade, não havendo entre ellas medida commum.

E' deficiente esta definição.

O numero incommensuravel pode resultar d'uma transformação effectuada sobre os numeros, sem que a grandeza seja incommensuravel. Vejamos. Queremos permutar um terreno que tem as dimensões de $20^m \times 10^m$ por outro cujas dimensões sejam iguaes. A questão reduz-se em transformar factores que não são iguaes em factores iguaes. Temos, portanto, que extrahir a raiz quadrada de 20×10 ou 200, e resulta:

$1,4^{14} \dots$

(2) Elementos de Philosophia, paragrapho XII.

Neste caso, como se vê, a grandeza não é incommensuravel, pois tem medida commum com a unidade. O numero incommensuravel $14, \overline{m}14 \dots$ resultou da transformação de 20×10 em $14, 14 \dots \times 14, 14 \dots$

Vamos estabelecer uma definição cabal de numeros incommensuraveis.

O valor exacto de uma relação incommensuravel, como vimos, está sempre entre dois numeros—um por defeito e outro por excesso, successivamente. A serie de numeros por defeito é crescente e a serie por excesso é decrescente. Podemos então definir:—Numero incommensuravel é o limite para o qual tendem constantemente dois numeros fraccionarios, um crescente e outro decrescente.

Essa modificação concebida sobre os numeros tem a sua genese na *theoria da abstracção*.

A idéa do numero modifica-se porque parlimos do simples para o complexo, do concreto para o abstracto.

Tal é a lei da evolução.

Therezina—Outubro—1913.

José Amavel.

O urubú

Alto, muito alto, alem no amplo azul vasto e lindo,
Onde as palmeiras reaes abrem as verdes palmas,
O altívolo urubú, de asas negras e espalmas,
N'um remigio triumphal, demanda o espaço infindo . . .

Ora em ondulações o largo vôo abrindo,
Ora librando no ar sereno as asas calmas,
A' altura onde só chega o pensamento ou as almas,
Junto ás nuvens e ao céu, vae subindo . . . subindo . . .

N'um longo vôo andaz, circulos delineando,
Sóbe e, do alto volvendo á terra o olhar profundo,
Murcha as asas em linha horizontal baixando . . .

Desce preso ao fedor de um bicho, pôdre e immundo:
E' o instincto animal, tórvo, tórpe e nefando . . .
Que o faz baixar da luz ás podridões do mundo!

DA COSTA E SILVA.

Fantasia .

(PARA A LITERICULTURA)

A TERRA

Ai! de ti, planeta opaco e frio, si não fossem os raios adustivos do Sol que te illuminam e aquecem.

E's a morada etérna dos malaventurados, dos entes que palmilham afflictos,—a alma abafada, oppressa pelo desalento, arrojado o coração pelo infortunio.

E's a mansão da dor, a piscina do pranto! E teus viventes, a humanidade inteira, proseguem incertos para o irrecognoscível, para o mysterio,—a fronte vergada aos golpes do destino.

E's o proscenio da fome, da peste e da miseria! E's o tablado de guerras que devoram corpos de exercitos em prelhos desesperados e sangrentos!

O DIA E A NOITE

Na rotação em torno de seu eixo, a Terra apresenta o phenomeno intermino da luz e da treva—do dia e da noite.

O *dia* é a vida, é o bulicio, é o movimento, é a aurora que desperta, é o gorgeio das aves que se desata no prado e na floresta, é o trabalho que se agita nas officinas, é a alleluia, é o hymno de gloria á Natureza, é o pallio de luz que se desdobra sobre o hemispherio voltado para os raios de Phebo.

A *noite* é o somno,—imagem da morte. E' a paralytia do corpo, é a catalepsia da alma, é a escuridão, é a treva, o sudario, a mortalha que se estende apavorante, infundindo terror!

AS ESTAÇÕES

Em sua trajectoria ao redor do Sol, a Terra ora se afasta, ora se approxima daquelle astro—centro de nosso systema planetario e, na orbita ovoide que descreve, exhibe as estações.

O *inverno* é o gelo, é a neve algida que anniquila, que estiola e mata os seres que têm seiva, que têm sangue. As alimárias entristecem. Dá-se a hibernação das plantas. A folhagem tomba, a passarada não canta.

O *outono* é o prenuncio da alegria, é o exordio da primavera, é a phase dos brotos que rebentam no hastil das arvores e dos arbustos, é a criança garrida que passa com alacridade para os folguedos, para os festins da infancia.

A *primavera* é a estação das flores. Os campos se cobrem de verdura. Nos bosques e nas selvas as trepadeiras se emmanhanham rescendendo olores. Pendem ninhos das ramagens. Nos parreiras brotam folhas e surgem cachos. Os pomares vicejam, florescem, frutificam.

O *estio*!... Eis pompeando a Natureza. Eis o perfume que se evola de myriades de corollas que se erguem boque-abertas, voltadas para o céu. As searas ostentam viço e belleza. As leivas produzem frutos. Os trigaes cõr de oiro se embalam cravejados de espigas. Os campos se matizam de petalas; as arvores se cobrem de sumptuosa folhagem; os passarinhos entoam cavatinas festivas á beira dos ninhos; o gado, nêdio e luzidio, escaramuça alacre na amplidão solemne das coxilhas em flor.

O CEU

E' essa incognita. E' esse mysterio. E' esse espaço immensuravel que se estende sem fim sobre nossas cabeças ao redor da Terra, envolvendo-a por todos os lados. Nelle se movem todos os corpos sidérios. Nessa abobada infinda, segundo as crenças religiosas, vivem as almas dos justos e dos santos.

AS ESTRELLAS

Fócos de luz tremeluzente que scintillam no céu. Têm luz propria e são centros de systemas planetarios ainda não desvelados pelos telescopios da humanidade. Devido à incalculavel distancia, parecem rubis engastados no diadema augusto e fulgente das constellações.

O SOL

Astro rei, astro soberano, imponente, luminoso de si mesmo. Estrella mais proxima da Terra. Colocado dentro da espessura da Via Lactea, é o centro do movimento e, ao mesmo tempo, fóco lumifero e calorifico dos planetas, cometas e outros corpos seus vassallos. Com o seu bello cortejo de astros, fórma o poderoso monarcha o nosso systema planetario.

Immenso! 1:400:000 vezes maior que a Terra, da qual se acha afastado 27:000:000 de leguas.

A luz que elle nos transmite chega á Terra em 8 minutos e 13 segundos.

A LUA

Astro dilecto, suave, meigo satellite da Terra! Como te acclamam os poetas, como te querem os enamorados, como te amam os corações feridos pelas farpas de Eros!

Lá no espaço sem fim, 69:000 leguas distante de nós, te assemelhas a um disco diaphano, a uma grande hostia eburnea, lactea, purpurina ás vezes.

Tambem não tens luminura propria: a luz serena e tranquillida que te aclara provém do Sol, que reflecte seus raios sobre tua superficie de altas montanhas ponteadas de grandes crateras vulcanicas.

Deves ser arida como o deserto. Não tens agua, não tens cachoeiras nem fontes. Não tens atmosphaera.

Pallido astro libertino! Astro anemico, astro de face macerada, de semblante chlorotico como as figuras expostas nos museus ceroplasticos,—eu te saúdo, bella mensageira das trevas, em tua phase crescente e no plenilunio.

O OCEANO

Grande massa liquida impregnada de sal, que banha os continentes cobrindo tres quartos da superficie do planeta. E's immenso: 375:000:000 de kilometros quadrados! Em teu ventre,—um abysmo insondavel, vivem monstros surprehendedentes, algas, salsugem e perolas. Em tua superficie flutuam mares de sargaço, icebergs—ilhas flutuantes de gelo que rolam das regiões polares.


E's mau! E's iracundo! Tens investidas de hyenas! Tens côleras de cyclones! Tens bramidos de tempestade! Estás bebido, allucinado, quando te arrojas em furia contra arestas de rochedos que te espatifam o dorso. Tuas ondas convulsas se

erguem coléricas, se levantam insolentes, ameaçantes, espandando espumas, engalindo naves, tragando, famélicas, indefesos barcos que passam amedrontados ao longe, em marcha de fuga.

Assassino!.. Assassino!
 Oceano! Alisa a tua juba encrespada pelo rebojo das vagas. Ablanda a furia de tuas correntes, e deixa que o batel, que a gondola que conduz o meu sonho e a minha fantasia passe incolume e tranquilla para o hemispherio inacabavel e profundo, onde está a enseada segura da minha felicidade e do meu amor.

Curitiba.

Sebastião Paraná



Epopéa do verde


Verdes ondas, chorai. Quero as preciosas
 pedrarias das lagrimas choradas:
 serão, talvez, diamantes, ou irisadas
 opalas e saphiras luminosas.

Verdes campos abri todas as rosas
 que pesam ramos, ensombrando estradas:
 quero assistir ás fulgidas revoadas
 das petalas de essencias capitosas.

Esmeraldas! O verdes esmeraldas!
 Vinde tecer as humidas grinaldas
 e as corôas das múrmuras florestas!

Quero o Verde por toda a parte, agora,
 —verde o céu, verde a noite, verde a aurora
 numa orgia pagan de estranhas festas!

ABDIAS NEVES.



PREFIXOS E SUFFIXOS DE PALAVRAS PORTUGUEZAS

...AÇAR, *s.* exprime idéa de repetição, augmento, frequência, continuação: picar, espicaçar; estiar, esiraçar.

...ACEO *s.* designa as qualidades geraes de um grupo ou serie de individuos, a que o radical serve de typo: rosaceo, herbaceo.

...ACHO, *s.* exprime inferioridade, má qualidade.

...ACIA, *s.* formado dos adjectivos em *az*, significa a qualidade expressa por elles: effcaz, effcacia.

...ACO, *s.* indica a qualidade inherente ao objecto expresso pelo radical: austriaco.

...AÇO, *A s.* tem um sentido augmentativo e de uso familiar: ricaço; depreciativo ou ironico: doutoraço, mestraço.

ACRO... *pr.* denota sumidade, extremo: acropole.

AD... *pr.* exprime a idéa opposta a *ab*, direcção, fim do movimento, começo de acção: adorar, adventicio.

...ADA, *s.* collectividade, muitos individuos da mesma especie: ovelhada, gallegada. Capacidade das cousas, continuidade, prolongação: bancada, noitada. Impulso, movimento, acção, golpe: lançada, pedrada. Productos: marmelada, laranjada,

...ADO *suff.* do part. pret. dos verb. em *ar*: amado, desejado; dos subst. masc. significando reunião de pessoas constituidas em dignidade, jurisdicção d'ellas, e o territorio em que se exerce: Condado, papado, senado; d'ahi um sentido colectivo, augmentativo, extensivo: apostolado, silvado, palavreado.

e d'ahi tambem, por outro lado, a significação de emprego, profissão: soldado, magistrado. Exprime, tambem, semelhança, imitação: abahulado, azulado; e ainda qualidade, modo: apessoado, barbado.

...AER pref. grego que só se emprega na composição de outros vocabulos.

...AES suf. do plural dos nomes acabados em: al: animal, animaes.

...ÆS suf. de alguns nomes em ão: cão, cães, pão, pães,

...AGEM dá a idéa de acção uma idéa accessoria de continuidade, duração ou ajuntamento: hospedagem, iinguação, viagem, criadagem.

...AI suf. verb. do plur. do imperat. dos verb. em ar: andai, amai.

...AIS suf. verb. da 2.^a pess. do plur. pres. ind. nos verb. em ar: amais, andais, etc.

...AL, s. denota conveniencia, emquanto às qualidades externas e accidentaes da idéa contida no radical, com a do substantivo a que o adj. se junta; pertença, relação: estação outonal, estado virginal, região temporal. Exprime collectividade ou reunião de muitos individuos ou cousas da mesma especie: um olival, um ritual; abundancia, augmento: lodaçal, lamaçal; natureza ou qualidade: animal, mortal.

...ALGIA, s. que entra na composição de muitos termos medicinaes e significa dôr ou padecimento: cardialgia, odontalgia.

...ALHA denota inferioridade, extravagancia, má qualidade, ordinariamente com um sentido de collectividade: gentalha, canalha, antigualha, miuçalha. Alongamento, extensão: fornalha, muralha.

...ALHÃO suf. pejorativo: grandalhão, fracalhão.

...ALHO, *r.* junta ao substant. a idéa de desprezo, vileza, inferioridade: bandalho, espantalho, frangalho, cascalho.

...ALLO que significa: outro, diverso.

...AM suf. verb. das 3.^a pess. do plur. do pres. do ind. dos verb. em ar e do conj. de outros, e dos pret. imp, perf. e plq. perf. do ind.

AMBI... *pr.* que significa: á roda, de ambos os lados: ambidextro. Antes de vogal perde o i; em alguns casos perde tambem o b; n'outros fica reduzido a an.

...AME, s. denota collecção, reunião, aggregação: correame, vasilhame; extensão, augmento: gravame, cavername.

...AMOS suf. verb. da 1.^a pess. pl. do pres. ind. v. em ar e do conj. de outros verbos: louvâmos, devâmos.

...AMOS suf. verb. de 1.^a pes. pl. do pret. perf. do ind. nos v. em ar: louvâmos.

AMPHI... , *pr.* significa em roda, dos dous lados, de uma e outra parte: amphibio, amphibologia. Ajunta uma idéa de duplicação ou de circumvolução.

... AN vid ambi.

AN... , *pr.* entra na composição de muitas palavras, cujo radical começa por uma vogal ou h mudo e que denota falta ou privação, como em anarchia (sem chefe); anhydro (sem água).

... AN, *s.* feminino de alguns nomes em ão: aldean, alleman, christan.

... ANA, *s.* que se junta ao nome de uma pessoa notavel para indicar uma collecção dos seus pensamentos ou ditos ou de varias edições das suas obras: Camoniana. Feminino de alguns nomes em ão: sultana, Sebastiana.

... ANÇA, *s.* o mesmo que ancia, de que é contracção: esperança, privança.

... ANCIA derivado dos participios ou adjectivos terminados em ante. Designa duração, continuação, acção continua, estado permanente, qualidade duradoira: abundancia, arrogancia, instancia, distancia, vigilancia.

... ANDO, *s.* derivado de verbos em ar: designa a necessidade, o dever, a conveniencia de se praticar com relação ao substantivo, a que se junta o adjectivo assim terminado, a acção expressa pelo verbo: execrando, venerando, nefando. Tambem se substantiva, como: educando, ordinando, doutorando (o que deve ou está para ser educado, ordenado, doutorado).

É tambem o gerundio ou participio do presente dos verbos em ar: louvando, amando, estando.

... ANHA, *s.* denota extensão, grandeza: façanha, montanha, campanha.

... ANHAR, *s.* denota repetição, frequencia: abocanhar, agatanhar, arregarhar. O mesmo que inhar.

... ANHO suf. adj. cor. de aneo: extranho.

... ANO, *s.* denota origem, pertença, derivação, filiação: romano, serrano, cartesiano, parochiano. A's vezes o *n* perde a qualidade de consoante para ir nazalizar o *a*, e o suff. converte-se em ão: pagão, christão, aldeão. Outras vezes desaparece com uma das vogaes: russo, persa, africo. Tem por synonymos os suff. ez, ense, ano, eno, aco, ota

ANT... é o prefixo ante ou anti apocopado, quando a palavra que o segue começa por vogal: antolhos (ante olhos) antagonista (anti-agonista).

ANTE... , *pr.* que significa antes ou deante de e se vê em antebraço; quando se lhe segue vogal, ordinariamente perde o *e* final: antolhos. Tambem se junta ao thema dos verbos em ar e exprime o sujeito da acção ou do estado indicados na significação do verbo: brilhante semelhante. Indica a profissão,

a seita: fabricante, protestante. Ou o cargo, o emprego: comandante, almirante.

ANTI... *pr.* que denota opposição: antidoto, anti-Christo, antipathia. Si a palavra que se segue começa por vogal, perde o *i*.

...ÃO, *s.* denota acção, o acto de fazer ou sentir a acção expressa pelo verbo d'onde deriva: admiração, reducção, pretensão.—Terminação da 3.^a pes. pl. do fut. ind. que se junta á forma do presente do infinitivo: amarão (de amar) deverão (de dever).

...ãos é a dessinencia do pl. de muitos nomes em ão: rabão, órfão, accórdão, sófão.

APO... *pr.* entra na composição de muitas palavras de origem grega com a significação de longe de, ou depois de: apogeu, apographia. Si a palavra começa por vogal aspirada, muda-se o *p* em *ph*: aphelio, aphorismo.

...AR suff. tonico do presente do inf. de 1.^a conj.: amar, achar, entrar;—da 1.^a e 3.^a pess. sing. do fut. imp. do conj. dos verbos em ar.

...ARA suff. da 1.^a e 3.^a pess. sing. de alguns verbos em ar: amára, achára.

...ARÃO *s.* augmentativo: casarão (de casa).

ARCH... é o mesmo que archi: archanjo

ARCHI... *pr.* significa primazia, superioridade, preferencia; archiepiscopado. Perde o *i* em archanjo; muda-o em *e* em archetypo; muda o *chi* em *ce* em: arcebispo; em *ci* em: arcipreste.

ARCI... é o mesmo que archi: arcipreste.

...ARIA, *s.* denota augmento quantitativo ou numerico, repetição, continuação: calmaria, pedraria, gritaria. Fôrma feminina de ario.

...ARIO, *s.* denota que o nome a que se junta o adj. assim terminado tem a qualidade, o estado ou a faculdade indicada pelo radical, ou faz ou sofre o que este significa: voluntario, solitario, ordinario. E' analogo a...eiro, oiro e orio. Denota a profissão ou occupação: bibliothecario, secretario. Outras vezes é o adj. em ario, substantivado: visionario, mandatario, locatario. Outras, designa collectividade, reunião: erario, dictionario, campanario.

...ARRÃO, *s.* designa augmento (burl.): canzarrão, homenzarrão, santarrão.

...AS de s'nençia atona da 2.^a pess. sing. pres. ind. dos verb. em ar e do conj. dos outros: louvas, parías.

...ASTE suff. da 2.^a pess. sing. do pret. perf. do ind. dos verbos em ar: tu louvaste, amaste.

...ASTES suff. da 2.^a pess. pl. do pret. perf. do ind. dos verbos em ar: vós louvastes.

...ATA o mesmo que ada, designando collectividade, continuidade, extensão: bambochata, frescata, funçonata.

...ATICO que designa pertença, qualidade, e é synonymo de al, mas menos usado: aquatico, asnatico, asiatico.

...ATO, s. que se junta aos radicaes dos corpos simples, metalloides, para designar um sal formado pela reacção de um acido (indicado pelo radical) sobre um oxydo metallico ou organico: sulphato de potassa, carbonato de cal. Tambem se junta aos radicaes das substancias organicas que formam acidos com o oxygenio, para designar o sal produzido pela reacção sobre um oxydo basico ou alcalino: oxalato de potassa, citrato de magnesia. O mesmo que ...ado na accepção de cargo ou emprego e seu tempo e jurisdicção: canonicato decemvirato, generalato. O mesmo que ...ado, conservado em algumas palavras derivadas do latim: immediato, candidato, sensato, novato.

AURI... *pr.* que entra ou pode entrar na composição de muitos vocabulos com a significação de aureo, como: aurifero, auriflamma.

AUTO... *pr.* que significa por si mesmo ou de si mesmo: proprio, independente, e com elle se podem formar muitas palavras: autobiographia, autocrata, automato.

...AZ, s. denota a idéa de agente e é equivalente a...oso ou...ante: capaz, efficaz, voraz. Dá á palavra uma accepção depreciativa ou ridicula com uma certa idéa de augmento: ladravaz, dançaraz, machacaz.

...AZIO, s. augmentativo dos seguintes termos populares: balazio, copazio, gatazio.

B

BI... prefixo que é o mesmo que...bis e se usa principalmente na linguagem scientifica: bipartido, bilobado, bioxydo.

BIS... *pr.* antes de muitas palavras indica repetição ou duplicação: bisavô, bisannual, bisexual. A's vezes perde o s: bilabiado, bifronte. Interjecção de quem pede ou manda repetir o que acaba de ser dito, cantado, executado.

BOQUI... prefixo com a significação de bocca, que se junta a um qualificativo: boquiaberto, boquisedento, boquiar-dente.

BRACHY... prefixo que entra na composição de alguns vocabulos com a significação de curto ou breve: brachycephalo (de pequena cabeça) brachycero (que tem as antenas curtas) brachypnea (respiração curta) brachygraphia (escripta abreviada, tachygraphia.)

C

CACO... prefixo que significa mau: cacographia, cacologia.

CENTI... é o mesmo que cento e nos submúltiplos do systema metrico significa um centesimo;—centifólio, centigramma.

...CENTO o suffixo ento precedido do *c* euphónico nas palavras alvacento, aguacento, lamacento, lodacento.

CIRCUM... prefixo que significa em roda: circumferecia, circumscripto.

CÔ pref. que é o mesmo que a preposição com, representando a idéa de connexão, simultaneidade, ligação e ás vezes significando acabamento e perfeição ou intensidade.

CRYPTÓ... pref. grego que significa occulto e entra na composição de muitos vocabulos scientificos: cryptographia.

D

...DADE, s. que exprime a existencia de um estado qualquer: verdade, magnanimidade, facilidade; ou uma qualidade abstracta: bondade, superioridade, dignidade, etc.

DE... pref. que denota sahida, procedencia, separação, direcção de cima para baixo, privação, depreciação, intensão e força, acabamento, perfeição.

DECA... pref. que junto a nomes de medidas do systema metrico, designa uma unidade dez vezes maior do que a unidade da medida: decalidro (dez litros).

DECI... pref. que anda empregado nos nomes das medidas do systema metrico para exprimir a decima parte da unidade: decimetro.

DES... pref. que é o mesmo que...de. Tem geralmente, uma idéa de depreciação: desforme, destemperado; ou uma simples negação: desconhecer, desnecessario, desusado; ou uma idéa contraria a do radical: desamor, desaffeição; ou a mesma idéa do radical, mas em estado ou modo contrario: destorcer, desandar, desencolhido; ou privação: destoucar, descascar, descabellar; ou intensidade e força: desinquietao, deslasso, desfear. Outras vezes é uma corrupção de—es—ou—ex: despedir, despertar.

DEUTO... pref. que se emprega na linguagem chimica para significar o segundo grau de uma combinação, como em deuto-sulfureto.

(Cont.)